



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

MICAEL VINÍCIUS FERREIRA DA SILVA

MEMÓRIAS PLANTADAS NO AGRESTE PERNAMBUCANO:
A RESISTÊNCIA DE UM POVO QUE FAZ BROTAR DA TERRA E DA UNIÃO
A MAIS VERDADEIRA FORMA DE AUTONOMIA

Recife, PE

2026

MICAEL VINÍCIUS FERREIRA DA SILVA

**MEMÓRIAS PLANTADAS NO AGRESTE PERNAMBUCANO:
A RESISTÊNCIA DE UM POVO QUE FAZ BROTAR DA TERRA E DA UNIÃO
A MAIS VERDADEIRA FORMA DE AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Lima Silva

Recife, PE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S586m Silva, Micael Vinícius Ferreira da.
Memórias plantadas no Agreste pernambucano: a resistência de um povo que faz brotar da terra e da união a mais verdadeira forma de autonomia / Micael Vinícius Ferreira da Silva. – Recife, 2026.
58 f.

Orientador(a): Ana Cláudia de Lima Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado
em Agroecologia, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Agreste Pernambucano. 2. Sementes Crioulas. 3. Manifestações Populares. I. Silva, Ana Cláudia de Lima, orient. II. Título

CDD 630.2745

MICAEL VINÍCIUS FERREIRA DA SILVA

MEMÓRIAS PLANTADAS NO AGRESTE PERNAMBUCANO:
A RESISTÊNCIA DE UM POVO QUE FAZ BROTAR DA TERRA E DA UNIÃO
A MAIS VERDADEIRA FORMA DE AUTONOMIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 12 de fevereiro de 2026.

Prof.^a, Dr.^a Ana Cláudia de Lima Silva
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia de Lima Silva
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Júlia Figueredo Benzaquen
UFRPE

Prof.^a Dr.^a Gilvânia de Oliveira Silva
UFRPE

Pedro Henrique de Medeiros Balensifer
IPA / Rede SEMEAM

Dedico aos meus avós, Dona Bibiu, Seu Antônio, Dona Ana (*em memória*) e Seu Belo. Agricultoras/es que não tiveram a oportunidade de estudar, mas que exerceram com muita ciência e sabedoria o sagrado ofício da agricultura.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos amigos e amigas que constroem a Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco, guardiões de sementes, histórias e memórias, que tanto me ensinam e carregam a cultura viva de um povo que resiste e faz brotar da terra e da união a mais verdadeira forma de autonomia. Tantos nomes que não caberiam aqui, mas agradeço em especial a Nayra Oliveira, por ter me apresentado o curso e me ajudado a chegar até ele.

Agradeço aos meus colegas e amigos/as de turma, que fizeram parte desses oito períodos, mas também àqueles que não chegaram até aqui. Em especial ao grupo dos “Agrestes”, que na profunda amizade construída compartilharam comigo as pelepas e alegrias da caminhada, tornando-a mais serena, significativa e cheia de memórias.

À minha mãe, Maria Verônica, pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis, à minha irmã Micaelle Vanessa, por caminhar junto nessa jornada, à minha irmã Mirelly Vitória, que, junto com a nossa mãe, cuidou da casa durante nossas ausências, e ao meu pai, Severino Ferreira, pelo apoio constante.

À minha companheira Marília Mota, cujo afeto e parceria tem me ajudado a desbravar os roçados do coração. Aprendendo a caminhar pelas terras vermelhas que guardam as sementes que resistem às estiagens, regadas pela coragem, paciência e união.

À Gabriel Bezerra, meu irmão de colheita, guardião de memórias comunitárias e da beleza que habita o sagrado tecido das tradições e brincadeiras populares, que fazem do povo, riso, fé e resistência.

À meu primo Teódulo Pablo, o mais respeitado vendedor de utopias que conheço, que me apresentou pela primeira vez caminhos possíveis através da agroecologia em sua odisseia pelo Seridó Paraibano.

À Ana Cláudia, minha orientadora, guardiã de riso solto e sincero, pela disposição, atenção e leveza que me ajudou a conduzir esta etapa final do curso. Que mesmo diante das minhas ausências, manteve-se paciente e presente, como quem cuida de uma semente esperando seu tempo de germinar.

Às professoras Júlia Figueredo e Gilvânia Oliveira, que aceitaram compor esta banca e que, com generosidade e escuta atenta, caminharam conosco ao longo do primeiro e últimos períodos do BACEP.

À professora Horasa Andrade, por seu trabalho comprometido desenvolvido no Agreste, pelas portas abertas, oportunidades e confiança, que me permitiram seguir aprendendo e atuando junto às comunidades e organizações do campo.

Ao professor Ângelo Alves, pela ousadia de ensinar entre musicalidades, poesias e provocações, que nos mostrou que educar é também escutar, sentir, respeitar e integrar. Mostrando que na loucura, sensatez, brincadeira e generosidade habitam novas formas de perceber o mundo, o movimento da vida. Para mim, uma referência de educador.

Ao professor Aristeu Portela, pela escuta atenta e pelo acolhimento em um momento difícil, uma conversa simples, mas profundamente marcante, que me ajudou a desistir de desistir e a enxergar a potência de permanecer neste espaço.

Aos companheiros da Rede de Intercâmbio de Sementes, que pude ter o privilégio de conhecer durante minha breve mas marcante travessia pelo sertão de Sobral, que, com mãos firmes e corações generosos, me ensinaram que cultivar o sagrado fundamento da raiz comunitária é também lembrar, resistir e sonhar.

Aos mestres e mestras da cultura popular com quem aprendi e aprendo, cultores das tradições vivas, que carregam na voz, nas mãos e na memória a essência das práticas e brincadeiras populares, mantendo acesa a chama das nossas raízes.

Agradeço aos meus companheiros e vizinhos da comunidade de Córrego da Fortuna, que com solidariedade e cuidado me acolheram e me ensinaram a construir um lugar de pertencimento mesmo longe da terra natal.

Às professoras/es do BACEP e à todas/os que encontramos nos territórios que visitamos, cuja generosidade e alegria na partilha tornaram-se essenciais na construção de conhecimento ao longo da caminhada, inspirando e fortalecendo a luta pela agroecologia.

“As histórias são como a terra na qual se plantam as músicas. A pessoa pode não ter estudo, mas tem que ter um pensamento bom, porque é pelo pensamento que a gente verifica, presta atenção a tudo, sabe do tempo, do inverno, dos astros.”

Mestre Raimundo, Crato/CE (2009)

RESUMO

Neste memorial, sistematizo minha trajetória formativa, territorial e afetiva na agroecologia, articulando vivências acadêmicas e experiências construídas junto a comunidades rurais que tive contato, sobretudo no Agreste pernambucano. O trabalho tem como objetivo refletir sobre como essas experiências contribuíram para minha compreensão da agroecologia como prática social, política e cultural. Utilizando como método a escrita memorialística de caráter descritivo e analítico, dialogando com vivências de imersões, mutirões, estudos de etnoagroecossistemas e processos de educação popular. Destaco minha atuação em redes e iniciativas como a Rede SEMEAM, a Rede de Intercâmbio de Sementes, a Ecofeira da Rural e o Programa Mais Gestão, espaços que fortaleceram minha prática extensionista e meu compromisso com os saberes do campo. Discuto o papel das sementes crioulas, da extensão rural agroecológica e das expressões culturais camponesas como elementos centrais de resistência ao apagamento histórico e identitário. Evidencio também a relação entre cultura, território e pertencimento, compreendendo as manifestações populares como formas de produção de conhecimento e de fortalecimento comunitário. Como resultado, afirmo a agroecologia como caminho de resistência cultural, valorização da memória coletiva e promoção da autonomia dos povos do campo, reafirmando a importância da articulação entre universidade, comunidades e saberes populares na construção de relações sociais, econômicas e ecológicas mais justas, solidárias e menos degradantes.

Palavras-chave: Agreste Pernambucano; Sementes Crioulas; Manifestações Populares.

RESUMEN

En este memorial, sistematizo mi trayectoria formativa, territorial y afectiva en la agroecología, articulando vivencias académicas y experiencias construidas junto a comunidades rurales con las que tuve contacto, especialmente en el Agreste pernambucano. El trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre cómo estas experiencias contribuyeron a mi comprensión de la agroecología como práctica social, política y cultural. Utilizo como método la escritura memorialística de carácter descriptivo y analítico, en diálogo con vivencias de inmersiones, mingas, estudios de etnoagroecosistemas y procesos de educación popular. Destaco mi actuación en redes e iniciativas como la Red SEMEAM, la Red de Intercambio de Semillas, la Ecoferia de la Rural y el Programa Más Gestión, espacios que fortalecieron mi práctica extensionista y mi compromiso con los saberes del campo. Discuto el papel de las semillas criollas, de la extensión rural agroecológica y de las expresiones culturales campesinas como elementos centrales de resistencia al borramiento histórico e identitario. Asimismo, evidencio la relación entre cultura, territorio y pertenencia, comprendiendo las manifestaciones populares como formas de producción de conocimiento y de fortalecimiento comunitario. Como resultado, afirmo la agroecología como un camino de resistencia cultural, valorización de la memoria colectiva y promoción de la autonomía de los pueblos del campo, reafirmando la importancia de la articulación entre universidad, comunidades y saberes populares en la construcción de relaciones sociales, económicas y ecológicas más justas, solidarias y menos degradantes.

Palabras-clave: Agreste Pernambucano; Semillas Criollas; Manifestaciones Populares.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BACEP	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
MCP	Movimento Camponês Popular
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PT	Partido dos Trabalhadores
PPCIAM	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais
RIS	Rede de Intercâmbio de Sementes
SAFA	Sistema Agroflorestal Familiar
SAF	Sistema Agroflorestal
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFAPE	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
VU	Vivência Universidade
VRC	Vivência Realidade Campo
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INCUBACOOP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
Rede SEMEAM	Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional

SUMÁRIO

1	FIO DA MEADA: APRENDER A LER OS SINAIS DO TEMPO	16
2	AS PRÁTICAS CHEGARAM PRIMEIRO, A CIÊNCIA VEIO DEPOIS	24
3	BORBOREMA DE GENTE UNIDA E RESISTENTE	26
4	ONDE O CHÃO SE FAZ ESCOLA	27
5	CONHECIMENTO SE CONSTRÓI COLETIVAMENTE	32
6	MÃOS QUE SEMEIAM MEMÓRIA, CULTURA E TERRITÓRIO	33
7	A RAIZ COMUNITÁRIA É FUNDAMENTO SAGRADO	40
8	TECENDO REDES: A EXPERIÊNCIA DA ECOFEIRA	42
9	AGRESTES PROFUNDOS	44
10	EM BUSCA DA EXTENSÃO POPULAR	46
11	CANTO PARA A TERRA DE TUAS MÃOS	47
12	O ALTO É DA CONQUISTA O CÓRREGO É DA FORTUNA	54
13	A COLHEITA É BOA	57
14	REFERÊNCIAS	58

1. FIO DA MEADA: APRENDER A LER OS SINAIS DO TEMPO

Dou o pontapé a este memorial, onde compartilho fragmentos da minha trajetória ao longo dos quase quatro anos no Bacharelado em Agroecologia (BACEP)¹ da UFRPE, buscando resgatar, refletir e entrelaçar memórias que marcaram minha caminhada formativa e de atuação dentro e fora do curso, relembrando antes de tudo, os caminhos que me fizeram chegar até aqui.

Sou Micael Vinícius, filho de Maria Verônica e Severino Ferreira, irmão de Micaelle Vanessa, Mirelly Vitória e Lucas Heitor. Carrego comigo a memória daquelas/es que vieram antes de mim, minhas bisavós, Dona Mocinha, Dona Amara e Mãe Preta, minhas avós Dona Bibiu e Dona Ana, e meus avôs Seu Antônio (*em memória*) e Seu Belo, agricultores que não tiveram a oportunidade que eu tive de estudar, mas que carregaram com muita sabedoria a ciência que não se aprende na universidade, mas na caligrafia dos roçados, na leitura atenta da vida, na relação íntima com a natureza e na essência das tradições populares.

Venho de uma família de agricultores familiares, oriundos de um pequeno povoado chamado Palmatória — nome que se origina através da predominância local de um cacto nativo da caatinga. Localizada na zona rural, na divisa entre os municípios de Caruaru e Riacho das Almas, no Agreste Central de Pernambuco. Na Palmatória estão grafadas em suas serras e lajedos, as histórias e memórias dos meus antepassados e de lá vieram as minhas raízes umbilicais mais profundas.

Na minha família, faço parte de uma geração que acompanhou o distanciamento da relação do povo com a terra, com a agricultura, com as práticas sociais e tradições que constituíram durante muito tempo os modos de ser e de viver em comunidade, devido às intensas transformações sociais e culturais que influenciaram na desconstrução de uma identidade camponesa e comunitária, em detrimento de uma identidade industrial e comercial, a partir da expansão e consolidação do polo de confecções do jeans no Agreste.

Para Wanderley (2003), a agricultura camponesa se caracteriza como uma civilização ou cultura em que a lógica de funcionamento prioriza a reprodução da

¹ Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, como é reconhecido pelo coletivo docente e discente do curso. Foi criado em 2019, funciona em regime de alternância (tempo-escola e tempo-comunidade), focando no diálogo com saberes camponeses, assentados, quilombolas e povos tradicionais.

família e a centralidade da unidade produtiva para a manutenção do modo de vida. A desconstrução dessa identidade camponesa em favor de uma identidade industrial e comercial ocorre por meio de processos de modernização que tentam reduzir o/a agricultor/a a uma categoria puramente profissional e técnica, tratando o campesinato como uma forma arcaica destinada à decomposição ou à subordinação ao modelo empresarial.

No resgate das memórias da Palmatória que não vivi, cresci ouvindo histórias de minha bisavó paterna, Dona Amara, agricultora e parteira, que “sabia ler os sinais do tempo”, percorrendo longas distâncias a pé com sua maletinha de ferramentas ao punho, para atender partos em comunidades rurais mais remotas, onde o acesso a médicos ou hospitais se fazia inexistente ou muito limitado – No primeiro período, o professor Ângelo Alves nos apresentou um lindo documentário e que muito me marcou, intitulado “Áurea”, que aborda esta herança cultural que permanece presente na região do Vale do Capão, na Chapada Diamantina-BA. Ofício este que infelizmente tem se perdido com o tempo.

Entre palmas, umbuzeiros e facheiros, escutei como Dona Mocinha, minha bisavó materna, entoava lindamente seus cantos e toadas, enquanto trabalhava nos roçados ao pé da serra, atraindo a atenção das pessoas que paravam para lhe ouvir cantar. Falecendo ainda jovem, deixou sete filhas, entre elas Dona Bibiu, minha avó, a quem carrego viva na memória sua presença e ensinamentos. Bibiu, com sua serenidade e afeto, trazia no olhar e no seu canto a herança musical de sua mãe, uma sabedoria oriunda da essência lírica das tradições populares.

Essa região, de clima semiárido e de chão pedregoso, situada na zona de transição entre o litoral e o sertão, sempre enfrentou grandes desafios para a prática da agricultura, devido à escassez hídrica e à irregularidade das chuvas. Nesse contexto, minha mãe, Verônica, viveu até os 21 anos, antes de se casar com meu pai, ajudando minha avó nos roçados, nas colheitas de algodão e nas limpas de barreiros, nas chamadas “Frentes de Emergência” — Programas adotados pelo Estado como resposta às secas, que ofereciam trabalhos temporários e precários, funcionando mais como um mecanismo de contenção das populações rurais do que como política estruturante, reforçando o assistencialismo, contribuindo para a

consolidação da chamada “indústria da seca” e para a perpetuação da vulnerabilidade no território.

Segundo Ramon (2018), as Frentes de Emergência eram programas que destinavam verbas para empregar populações atingidas pela seca em obras públicas, como a construção de açudes e estradas, garantindo uma renda mínima para amenizar a fome. Contudo, em sua análise crítica, o autor destaca que o trabalho ocorria em condições precárias, envolvendo inclusive mulheres e crianças, com atividades braçais intensas, poucos direitos e recorrentes abusos e irregularidades, evidenciando as contradições dessa política de enfrentamento à seca.

Na década de 70, parte da minha família paterna migrou do Agreste Central para o Agreste Meridional, em razão do trabalho exercido pelo meu avô Arlindo, conhecido como Seu Belo do Cal, apelido designado devido à sua ligação com a produção de Cal² — atividade esta que representou por muito tempo, uma alternativa econômica para as famílias da região. No entanto, seus métodos convencionais, marcados pela extração intensiva e pela supressão da vegetação nativa, geraram impactos ambientais significativos. Esses danos, de alguma maneira, se assemelham aos praticados atualmente pela cadeia produtiva do jeans, contribuindo para a fragmentação do território e para a alteração das características ecológicas e sociais.

A cadeia produtiva do jeans no Agreste pernambucano, consolidou-se como um importante motor socioeconômico regional, gerando empregos e movimentando intensamente a economia local. No entanto, esse modelo produtivo é marcado por desafios significativos, como a precarização do trabalho, jornadas exaustivas e formas de produção muitas vezes informais. A dinâmica da indústria têxtil também transformou os espaços comunitários, misturando ambientes de moradia e trabalho (Meliane *et al.*, 2007).

Além disso, a produção especializada do jeans provoca impactos ambientais relevantes, sobretudo pela poluição hídrica, uma vez que o beneficiamento das peças consome volumes elevadíssimos de água, captada majoritariamente dos rios

² Cal virgem (óxido de cálcio) é um produto inodoro, branco e altamente reativo, obtido pela calcinação (queima em altas temperaturas) do calcário. É amplamente utilizado na construção civil, agricultura para correção de solo e indústria, liberando calor ao entrar em contato com água, formando a cal hidratada.

Capibaribe e Ipojuca³, e utiliza produtos químicos que expõem trabalhadoras/es a riscos severos devido à falta de fiscalização. A poluição hídrica é o impacto mais crítico, pois muitas lavanderias operam frequentemente sem licenciamento adequado, descartam efluentes industriais sem o devido tratamento diretamente nos corpos hídricos, comprometendo a qualidade das águas superficiais e subterrâneas e interferindo nos usos múltiplos da bacia hidrográfica. (Macêdo *et al.*, 2024).

Foi nos brejos de altitude do município de Garanhuns que parte dos meus familiares então se estabeleceram, e permanecem até os dias de hoje. Neste território, tomado por colinas, cresci, criei ramificações e construí parte das minhas memórias, percorrendo muitos caminhos até, finalmente, me reconectar com minhas origens, através da agroecologia.

Apesar do vínculo rural, que nunca me distanciei, cresci em contexto urbano e, após finalizar o ensino médio, fui ajudar meu pai em seu comércio de bairro, no ramo de móveis, período este que me levou a iniciar uma graduação de administração, com a intenção ajudá-lo na gestão do seu pequeno negócio. No decorrer do curso, nitidamente pude perceber que aquele universo de empreendedorismo não era para mim, e foi durante as aulas de uma cadeira de sociologia, com os irmãos Igor e Diego (*em memória*) que reflexões importantes recaíram sobre os rumos que estava tomando na vida e me fizeram redirecionar minha trajetória para caminhos que estivessem mais alinhados com os meus interesses individuais e coletivos.

A participação nos movimentos de arte e cultura da cidade me conduziram a estudar e me dedicar em diferentes trabalhos ligados à produção gráfica e artesanal, com destaque para a edição e confecção de livros artesanais. Essas experiências tiveram como principal objetivo dar forma e visibilidade a narrativas locais, articulando-as também com experimentações no campo do audiovisual.

A aproximação com as artes, em diálogo com a comunicação popular e a participação em coletivos e mobilizações políticas da cidade, me levaram posteriormente a integrar a equipe de comunicação, em um mandato coletivo que ficou conhecido como “As Manas”, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), na câmara

³ Os rios Capibaribe e Ipojuca são dois dos principais cursos d'água de Pernambuco, fundamentais para o estado, mas sofrem com alto nível de poluição por resíduos domésticos e industriais, além de riscos de inundações. O Capibaribe (280 km) cruza o Recife e o interior, enquanto o Ipojuca (320 km) é vital para o agreste e a mata sul.

de vereadores de Garanhuns. Essa experiência possibilitou acompanhar mais de perto como se constrói a política nos espaços institucionais, despertando reflexões importantes sobre a necessidade de, também ocupar esses espaços, mas principalmente, reconhecer as tensões, contradições e limitações de uma atuação excessivamente centrada na lógica institucional e eleitoral, que muitas vezes acaba se afastando das lutas populares e da mobilização de base.

Convencido da importância de buscar ajudar a construir e fortalecer formas coletivas de organização e luta social, por meio de articulações comunitárias, locais ou territoriais, através de redes, coletivos e movimentos populares, e orientado pelos princípios da agroecologia, que se mostravam cada vez mais urgentes e fundamentais para mim, passei a buscar novos caminhos e perspectivas.

No ano de 2016, conheci a Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco (Rede SEMEAM)⁴, participando das Feiras de Troca de Sementes que aconteciam até então no Parque Euclides Dourado, em Garanhuns. Onde todo ano, costumava juntar sementes de árvores nativas colhidas na cidade para trocar pelas inúmeras variedades levadas pelos/as guardiões/as, ficando especialmente fascinado pelas cores, formas e histórias das sementes de feijão, que sempre despertavam em mim um encantamento particular, passando então a multiplicá-las no nosso pequeno quintal produtivo, nos limites periurbanos de Garanhuns.

Desde então, passei a acompanhar, mesmo que sem envolvimento direto, o trabalho desenvolvido pela Rede no resgate, conservação e proteção das variedades de sementes tradicionais na região. Neste período pude conhecer mais sobre o debate em torno da agroecologia e me aproximar de agricultores/as, guardiões e guardiãs de sementes, grupos e comunidades. Foi por estar inserido neste espaço que me interessei em buscar compreender mais sobre os motivos que levavam os/as agricultores/as a se organizarem em rede e suas relações profundas com as sementes, suas memórias e tradições.

Foi através de Nayra Oliveira — extensionista rural do Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) e companheira de Rede SEMEAM — que conheci o BACEP,

⁴ A Rede SEMEAM é uma articulação sociotécnica fundada em 2015 que promove a valorização, conservação e intercâmbio de sementes crioulas. Com base em Garanhuns/PE, reúne agricultores familiares, técnicos e pesquisadores (com apoio do IPA) para fortalecer a agroecologia, a soberania alimentar e a resistência cultural na região.

enquanto retornávamos de uma atividade realizada pelo Movimento Camponês Popular (MCP)⁵ na comunidade do Sítio Cruz, Garanhuns, em março de 2022.

Possuindo ainda certa resistência em retornar ao universo acadêmico, titubeei muito em considerar a possibilidade de ingresso no bacharelado, pois estava à procura de uma formação mais técnica, como o curso de agroecologia do Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA)⁶, no qual estava naquele mesmo ano determinado a tentar ingressar na unidade de Ibimirim, no Sertão do Moxotó.

Ao pesquisar sobre a proposta pedagógica do Bacharelado em Agroecologia, com ênfase no Campesinato e Educação Popular, passei a reconsiderar a ideia. Sua abordagem diferenciada, interdisciplinar, contextualizada e em profundo diálogo com os saberes tradicionais, buscando priorizar os próprios territórios dos/as estudantes como objeto de estudo, através do modelo de alternância. Percebi que ali havia um caminho que fazia muito sentido para mim, então não custava nada tentar.

Graças ao incentivo e total apoio de Nayra, em julho de 2022, ingressei no BACEP. O percurso, que eu temia ser demasiadamente teórico e desafiador, me provou ser também um mergulho prático na agroecologia. A estrutura do curso permitiu unir os conhecimentos adquiridos nas *Vivências Universidade (VU's)* com atividades práticas, de pesquisa e extensão no meu território, guiadas pelas temáticas abordadas nos períodos e levadas para as *Vivências Realidade Campo (VRC's)*.

Destaco aqui algumas temáticas que me chamaram mais atenção durante o per-curso: *Expressões Culturais do Campesinato; Subjetividades; Naturezas em Movimento; Educação Popular; Extensão Rural; Alimentação e Sociedade; Planejamento Participativo e Processos de Melhoramento Genético Participativo*, que trazem elementos fundamentais para costurar e desenvolver esta desalinhada linha do tempo que aqui se apresenta.

⁵ O Movimento Camponês Popular (MCP) é uma organização popular brasileira que busca fortalecer a agricultura familiar e camponesa, promovendo a soberania alimentar, a agroecologia e a produção de alimentos saudáveis. O movimento luta pela dignidade no campo, valorizando sementes crioulas, a organização de mulheres e jovens, e a autonomia das famílias camponesas.

⁶ O curso de Agroecologia do SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) é uma formação técnica de nível médio, focada em agricultura sustentável, agricultura familiar e desenvolvimento rural, com unidades em Glória do Goitá e Ibimirim (PE). O programa capacita jovens e adultos em práticas ecológicas, sistemas agroflorestais, preservação do solo/água e comercialização orgânica.

As temáticas destacadas evidenciam a agroecologia como um campo que integra cultura, natureza, saberes e sujeitos. As expressões culturais do campesinato, as subjetividades e a relação dinâmica com a natureza reafirmam o protagonismo dos povos do campo, enquanto a educação popular, a extensão rural e o melhoramento genético participativo fortalecem processos formativos, produtivos e de construção da autonomia, baseados na troca de saberes. Nesse contexto, a alimentação é compreendida como um ato social e político, conectando território, cultura e soberania alimentar.

Assim, escrevi este memorial, por meio da revisão de relatórios realizados ao longo da graduação e anotações colhidas durante as aulas e imersões. Para fundamentar essa trajetória, recorri às leituras que foram ou não indicadas durante o curso. Minhas lembranças, aliadas a arquivos pessoais e registros acadêmicos, foram determinantes para então achar o “fio da meada” e tentar traçar uma linha do tempo em que minha jornada individual e coletiva se entrelace à vivência na graduação, sem a intenção de seguir uma ordem cronológica necessariamente.

Na universidade aprendi que sistematizar é também criar memória, aprender a colocar em prática a teoria. Apesar de ter falhado em alguns momentos, ter a oportunidade de escrever sobre as experiências do meu território através da elaboração dos relatórios periódicos, me proporcionou uma compreensão mais ampla sobre as singularidades e complexidades das dinâmicas dos meus lugares de origem e atuação. Para entender a dinâmica de qualquer território, “é preciso treinar e apurar os olhares, requer observação e vivência da realidade”, como bem dizia o professor Ângelo Chaves, durante as aulas da temática *Naturezas em Movimento*.

Por isso, este memorial apresentará parte expressiva do que sistematizei nesta minha trajetória formativa, com base nas vivências acumuladas ao longo dos quatro anos do Bacharelado em Agroecologia, propondo refletir sobre temas que foram centrais, como a importância das sementes crioulas, o papel da extensão rural e a força das expressões culturais e manifestações populares camponesas enquanto formas de resistência ao apagamento cultural. Neste memorial, construo um diálogo entre esses aprendizados e as experiências vividas no território, articulando-os aos instrumentos do BACEP e às dimensões de pertencimento, memória e comunidade que foram sendo tecidas ao longo dessa caminhada.

Para tanto, dividi este memorial em 13 capítulos, nos quais, a partir de cada vivência proporcionada pelo curso, entrelaço conceitos, memórias e reflexões sobre as temáticas aqui apresentadas. Inicio com esta introdução que aqui se apresenta, intitulada “*Fio da meada: aprender a ler os sinais do tempo*”, em que apresentando uma narrativa autobiográfica que conecta história familiar, território e vivências pessoais, preparando o terreno para refletir sobre o percurso formativo e as experiências desenvolvidas ao longo da graduação no BACEP.

No capítulo de desenvolvimento do trabalho, intitulado “*As práticas chegaram primeiro, a ciência veio depois*”, reflito sobre minha chegada ao BACEP e sobre a compreensão da agroecologia como ciência construída também a partir dos saberes dos povos do campo.

Nos capítulos que seguem o desenvolvimento, “*Borborema de gente unida e resistente*”, apresenta o território do Agreste Meridional, suas características socioambientais, culturais e políticas, e as formas de resistência que nele se afirmam. Em “*Onde o chão se faz escola*”, trago as experiências vividas nos etnoagroecossistemas que acompanharam minha formação, evidenciando o aprendizado construído junto às famílias agricultoras e comunidades tradicionais.

Em “*Conhecimento se constrói coletivamente*”, abordo as imersões, mutirões e vivências que fortaleceram a dimensão coletiva da aprendizagem agroecológica. Já em “*Mãos que semeiam memória, cultura e território*”, reflito sobre a atuação da Rede SEMEAM, na luta pela proteção das sementes crioulas e o papel da comunicação e do audiovisual como ferramentas de sistematização e resistência.

Em “*A raiz comunitária é fundamento sagrado*”, compartilho a experiência de estágio com a Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS)⁷, no Ceará, e os aprendizados sobre organização comunitária no semiárido. Já “*Tecendo redes: a experiência da Ecofeira*”, apresenta minha vivência na Ecofeira da UFRPE⁸,

⁷ A Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) é uma iniciativa comunitária, com destaque para a atuação no Ceará (iniciada pelo Esplar em 1991), que organiza bancos comunitários de sementes crioulas. Seu objetivo é garantir autonomia aos agricultores, soberania alimentar e a conservação da biodiversidade, permitindo a troca, armazenamento e resgate de sementes nativas e tradicionais entre famílias, baseando-se na confiança e reciprocidade.

⁸ A Ecofeira da Rural é uma feira agroecológica realizada semanalmente na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), focada na comercialização de produtos orgânicos e da agricultura familiar. Acontece às terças-feiras (comumente das 06h às 11h no estacionamento do CEGOE), promovendo alimentação saudável, economia solidária e sustentabilidade com produtos diretos dos produtores/as.

discutindo economia solidária, mercados alternativos e extensão universitária. Em *Agrestes Profundos*, relato os vínculos construídos com o grupo territorial dos Agrestes, revelando a dimensão afetiva e integrativa desse coletivo.

“Em busca da extensão popular”, reflito sobre minha atuação no Programa Mais Gestão Nordeste⁹ e os desafios da ATER como prática transformadora. Em *“Canto para a terra de tuas mãos”*, discuto as expressões culturais do campesinato, os cantos de trabalho e as iniciativas de valorização da cultura popular no Agreste. *“O auto é da conquista, o córrego é da fortuna”* aborda os territórios urbanos que também me formaram, evidenciando as relações entre campo e cidade na construção de pertencimento.

Por fim, encerro com *“A colheita é boa”*, onde apresento as sínteses dessa caminhada, refletindo sobre o(a) agroecólogo(a)-educador(a) que me tornei, os aprendizados que levo comigo e os caminhos que desejo seguir na defesa da memória coletiva, das tradições, da agroecologia e dos territórios.

2. AS PRÁTICAS CHEGARAM PRIMEIRO, A CIÊNCIA VEIO DEPOIS

A minha chegada ao BACEP se deu em meio a muitas incertezas. Ingressar no universo acadêmico ainda era até então, um grande dilema, atravessado por questões como a necessidade de estar mensalmente no campus, o afastamento do meu território e núcleo familiar, mesmo que periodicamente, mas em um momento delicado e de inseguranças financeiras, tornavam o desafio ainda maior. Ainda assim, decidi encarar o processo e seguir adiante.

Cheguei em Recife em julho de 2022 e, em pouco tempo, compreendi que essa escolha havia sido acertada. Fortalecendo o entendimento de que estava trilhando um caminho consciente e coerente com o que eu acredito, fundamental não apenas para minha formação individual, mas também para minha construção enquanto sujeito coletivo. Apesar dos desafios e inconstâncias que se apresentaram no caminho, o contato com diversas experiências e, principalmente, o

⁹ O Programa Mais Gestão Nordeste é uma iniciativa do Governo Federal, via Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), em parceria com a UFRPE, para capacitar cooperativas e associações de agricultura familiar na região Nordeste. Ele oferece assistência técnica, regularização documental, contabilidade e ferramentas de gestão, visando aumentar a inserção no mercado, como no PAA e PNAE.

aprofundamento sobre a realidade em que estava inserido, me reconectaram com um lugar de autoafirmação necessário.

Ao ingressar na turma, encontrei um coletivo marcado por grande diversidade de contextos, visões e trajetórias, reunindo pessoas oriundas tanto do campo quanto da cidade. O convívio, as trocas e até mesmo as divergências com cada colega — tanto os que seguiram juntos na caminhada quanto aqueles que, por diferentes motivos, precisaram se afastar ao longo do processo — foram profundamente enriquecedoras. Essa vivência me permitiu compreender que a pluralidade de experiências constitui um dos pilares centrais da proposta formativa do curso, fundamentada no aprendizado coletivo e no diálogo entre realidades distintas.

O BACEP é um curso voltado a camponeses e pessoas vinculadas ao campo, estruturado a partir do regime de alternância e de uma proposta pedagógica transdisciplinar, ancorada nos princípios da agroecologia e da educação popular. Esse formato possibilita o acesso ao ensino superior sem romper com os territórios de origem, permitindo que a realidade vivida pelos/as estudantes se torne o próprio ponto de partida do processo formativo.

Sua proposta rompe com a lógica tradicional da universidade como espaço de reprodução de privilégios, ao apostar em uma formação humana, crítica e emancipatória. Ao priorizar a troca de saberes, o curso afirma também que o conhecimento se constrói coletivamente, a partir do respeito às trajetórias, memórias e histórias que cada um/a carrega, e se orienta para a compreensão da realidade como condição para sua transformação.

A agroecologia que eu acredito e que o curso se propõe a pôr em prática, em suas diversas perspectivas, considera a construção de uma ciência integradora que reconhece as subjetividades dos seres, rompendo com visões individualistas e colocando a coletividade como um valor central. Uma agroecologia que valoriza os saberes historicamente construídos pelos camponeses — compreendendo que “as práticas chegaram primeiro e a ciência veio depois”, como bem disse José Nunes, em uma aula sobre a temática de *Campesinatos* — se constituem como um processo coletivo de aprendizagem entre diversos sujeitos e buscando construir

relações sociais, econômicas e ecológicas mais justas, solidárias e menos degradantes.

O curso é dividido em eixos formativos, que se organizam de forma sequenciada, orientando o processo de construção de conhecimento à prática e à reflexão crítica, são eles: *1. Conhecer, 2. Planejar, 3. Agir, 4. Avaliar e Sistematizar*. Buscando ampliar o entendimento sobre o contexto no qual estamos inseridos/as, a partir da leitura da realidade social, histórica, cultural e ecológica, seguindo para a construção coletiva de estratégias de planejamento de ações, que se materializam nas práticas e intervenções nos etnoagroecossistemas de origem ou adotados, culminando nas reflexões, na aprendizagem coletiva e consolidação dos saberes construídos ao longo do percurso formativo.

3. BORBOREMA DE GENTE UNIDA E RESISTENTE

Como atividade inicial de análise e percepção do território, realizamos um exercício de caracterização voltado à identificação de elementos fundamentais, como paisagens, solos, climas, movimentos de luta pela terra, expressões culturais, experiências agroecológicas e de educação popular. Escolhi então o Agreste Meridional, meu lugar de moradia e atuação para realizar o diagnóstico — “Meridional” significa, neste contexto, que esta área se localiza na porção sul do Agreste Pernambucano, fazendo fronteira com Alagoas e compreendendo municípios como Garanhuns, que atua como polo regional — a partir disso, conseguimos construir, de forma coletiva, um mapa das experiências da região, sistematizado por meio de leituras e, sobretudo, do diálogo com comunidades, organizações, e movimentos sociais, permitindo compreender a dinâmica regional e a forma como a agroecologia se apresenta e se constrói no território.

A região geograficamente localizada na zona de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, está situada sobre o Planalto da Borborema — nome de origem Tupi, curiosamente traduzido como “Sem Gente” — marcada por suas serras e chapadas que constituem uma importante formação de relevo e atua como uma espécie de barreira climática ao interceptar os ventos úmidos vindos do oceano, influenciando o regime de chuvas do Agreste e conseqüentemente contribuindo para

as condições semiáridas do Sertão, além de abrigar nascentes de rios fundamentais para o abastecimento de diversas regiões, a exemplo do rio Mundaú¹⁰.

A dinâmica regional é fortemente marcada por expressões culturais que remontam à herança negra e indígena. Abrigando diversas comunidades quilombolas, e povos originários das etnias Fulni-ô¹¹ e Kapinawá¹², e demais comunidades camponesas, que teimam em manter vivas suas tradições, em meio a conflitos históricos por demarcação de terra e resistência contra o avanço do latifúndio, do agronegócio e, mais recentemente, da expansão dos parques eólicos, que têm impactado várias comunidades rurais e tradicionais na região.

Olhar para dentro do meu território de atuação e aprofundar a compreensão de suas dinâmicas, complexidades e formas singulares de organização, revelou-me também um território em transição geográfica e social, no qual a agroecologia se afirma como estratégia de resistência política, de fortalecimento da autonomia camponesa e da preservação da identidade cultural local. Esse processo se expressa, sobretudo, na continuidade das práticas coletivas de trabalho, nas tradições e brincadeiras populares e na defesa das sementes crioulas.

4. ONDE O CHÃO SE FAZ ESCOLA

Na estrutura curricular do BACEP, é essencial vivenciar, analisar e atuar em um etnoagroecossistema¹³ ao longo da formação, correspondente especificamente a

¹⁰ O Rio Mundaú é um importante curso d'água de aproximadamente 158 km no Nordeste brasileiro, nascendo no Planalto da Borborema (PE) e desaguando na Lagoa Mundaú, em Maceió (AL). Atravessa os estados de Pernambuco e Alagoas, sendo vital para o ecossistema da região.

¹¹ Os Fulni-ô, localizados em Águas Belas, Pernambuco, são o único povo indígena do Nordeste que preservou sua língua materna, o Yatê, pertencente à família Macro-Jê. Com cerca de 5 mil integrantes, eles vivem na Aldeia Fulni-ô e no local sagrado do Ouricuri, mantendo fortes tradições, o Toré e artesanato, resistindo à pressão do agronegócio e ao cerco territorial na região.

¹² O povo indígena Kapinawá habita a região do agreste/sertão de Pernambuco, concentrado no Vale do Catimbau (Buíque, Tupanatinga e Ibimirim). Resilientes, lutam pela proteção de seu território sagrado e sítios arqueológicos contra conflitos fundiários e projetos eólicos. A terra indígena foi homologada em 1998, com população estimada em mais de 2.000 pessoas.

¹³ Com base nos princípios de Agroecologia, Etnobiologia e nas abordagens de pesquisa da UFRPE, o conceito de etnoagroecossistema refere-se à interação entre o manejo agrícola (agroecossistema) e os saberes, práticas, cultura e história de comunidades locais ou tradicionais (etnoecologia).

uma unidade de produção familiar de origem e/ou adoção, onde o/a estudante aplica os conhecimentos ligados à agroecologia e a educação popular.

Embora o curso sugerisse a escolha de um local permanente para o desenvolvimento das atividades de estudo e prática, minha inserção em um território diverso me levou a fazer outra opção. Por já estar articulado à Rede SEMEAM, que me oportunizou conhecer agricultores, comunidades e diferentes experiências organizativas, optei por transitar entre vários etnoagroecossistemas, orientando minhas vivências e a escolha dos locais de acordo com as temáticas que conduziam cada período do curso. Essa decisão ampliou meu olhar e permitiu aprofundar tanto o diagnóstico quanto a prática em contextos distintos, fortalecendo uma formação conectada à diversidade dos territórios e às múltiplas realidades do campo.

Decidi assim, por desenvolver minhas atividades em lugares com os quais já mantinha de alguma maneira algum vínculo, o que fortaleceu ainda mais o sentido de pertencimento ao longo da formação. Nesse percurso, destacam-se o Sítio Cruz e o Quilombo do Castainho, em Garanhuns, no Agreste Meridional, e o Sítio Creusa e Paulo Fulô, em Bonito, no Agreste Central. Esses territórios se tornaram verdadeiros espaços de aprendizagem, onde pude experimentar, colaborar e construir conhecimentos de forma coletiva, sempre em diálogo com os modos de vida, os saberes locais e as práticas agroecológicas desenvolvidas pelas famílias e comunidades.

O Quilombo do Castainho¹⁴, localizado na zona rural de Garanhuns, é um território de grande importância histórica e cultural, formado por descendentes de pessoas escravizadas que fugiram da destruição do Quilombo dos Palmares e se estabeleceram na região, marcada desde então pela resistência e luta pela terra.

Ao longo de sua história, a comunidade enfrentou intensos conflitos fundiários e a negação de direitos. Mesmo diante dessas adversidades, mantém viva

¹⁴ Reconhecida como comunidade remanescente quilombola desde o ano de 2000, Castainho recebeu a titulação federal pelo INCRA em 2015 e o título de domínio coletivo de seu território em 2020 pelo governo estadual de Pernambuco, esta que foi a primeira titulação de terras quilombolas realizada no estado.

práticas produtivas tradicionais, como o cultivo da mandioca e a produção de derivados, além de diversas expressões culturais como o coco e o afoxé¹⁵.

Para compreender as dinâmicas do Quilombo do Castainho sob as perspectivas histórica, cultural e produtiva, o contato com Jucelino Mendes foi fundamental. Jucelino — amigo querido que ganhei através da agroecologia — construiu sua trajetória profundamente vinculada ao seu lugar de origem, articulando a agroecologia como prática de vida, resistência e afirmação identitária. Guardião de sementes, meliponicultor, educador popular e técnico em agroecologia, desenvolve, junto à sua família, um espaço produtivo que representa não apenas uma alternativa aos modelos convencionais de produção, mas também um compromisso com a memória e a defesa do seu território.

O Sítio Cruz é uma referência de organização e resistência camponesa em Garanhuns, destacando-se pela força de sua vida comunitária e pela riqueza de suas expressões culturais. A comunidade mantém vivas tradições como o Reisado¹⁶, as Farinhadas¹⁷, os Adjuntos¹⁸ (mutirões) e as Festas da Colheita¹⁹, além da

¹⁵ O coco e o afoxé são manifestações culturais de origem afro-brasileira presentes nas comunidades quilombolas. O coco é marcado pelo canto, pela dança e pela batida forte dos tambores e palmas, enquanto o afoxé reúne música, ritmo e elementos ligados à ancestralidade e à religiosidade de matriz africana.

¹⁶ O reisado é uma manifestação da cultura popular ligada às celebrações do ciclo natalino, especialmente entre o Natal e o Dia de Reis. No Agreste de Pernambuco, a brincadeira reúne música, dança e encenações realizadas por grupos que percorrem comunidades cantando e se apresentando. A música é acompanhada por instrumentos como zabumba, sanfona, pandeiro e triângulo. Os brincantes também representam personagens com figurinos coloridos, misturando religiosidade e tradição popular.

¹⁷ As farinhadas são práticas tradicionais de produção de farinha de mandioca realizadas nas casas de farinha. Historicamente, acontecem de forma coletiva, reunindo famílias e vizinhos para descascar, ralar, prensar, torrar e peneirar a mandioca.

¹⁸ Os adjuntos ou mutirões são práticas tradicionais de trabalho coletivo nas comunidades rurais, nas quais famílias e vizinhos se reúnem para realizar atividades agrícolas ou construções que exigem mais mão de obra. Essas ações são baseadas na solidariedade e na troca e, além do aspecto do trabalho, representam momentos de convivência, brincadeira, cantoria e fortalecimento dos laços comunitários.

¹⁹ As festas da colheita são celebrações realizadas para marcar o fim do ciclo de produção e agradecer pela safra obtida. Esses momentos reúnem famílias e vizinhos em torno de comidas, músicas e tradições locais. Além da comemoração, representam gratidão, partilha e valorização do trabalho no campo. Também fortalecem a identidade cultural e os vínculos comunitários.

presença marcante de Rezadeiras e Raizeiras²⁰, guardiãs de saberes tradicionais. Essa dinâmica coletiva foi também fortalecida pela atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), grupos da Igreja Católica que, inspirados na Teologia da Libertação, articulam fé e compromisso social, incentivando a organização popular e a luta por direitos. Outro elemento central para a comunidade é o Banco Comunitário de Sementes Crioulas Nova Vida, o único banco comunitário do município, que abriga uma grande diversidade de sementes, cuidadosamente guardadas em garrafas, preservando memórias, histórias e assegurando o plantio das próximas safras.

Durante minha trajetória no curso, esse território se tornou um espaço fundamental de trocas e aprendizagens, e parte dessa vivência se deu também pelo encontro com Luan Tenório, jovem guardião de memórias e sonhos coletivos, que vem tecendo, com coragem e sensibilidade, a retomada das tradições populares na comunidade. Seu trabalho, especialmente ligado ao resgate do Reisado, tem representado um gesto de resistência, cuidado com as raízes e reconexão com o presente através das heranças do passado.

Além de Maria de Jesus (Dui), Maria do Socorro, Maria Jucicleide (Juci) e Getúlio Guimarães, agricultores, guardiões de sementes e companheiros da Rede SEMEAM, que fazem da agroecologia uma bandeira de luta e preservação dos modos de vida. Suas experiências articulam saber técnico e tradicional, cuidado com a terra, organização comunitária e comercialização solidária, demonstrando na prática como a agroecologia fortalece a autonomia camponesa e a permanência digna das famílias no campo.

Citarei aqui também o nosso pequeno quintal produtivo, localizado no perímetro periurbano de Garanhuns, um agroecossistema familiar desenvolvido por nossa família que, apesar das limitações de espaço e da atual ausência de manejo devido ao nosso afastamento temporário, foi pensado como um lugar experimental para a multiplicação de sementes e cultivo de alimentos, incluindo hortaliças, frutas, legumes e plantas medicinais, utilizando consórcios de culturas. Funcionando como

²⁰ As raizeiras e rezadeiras são mulheres reconhecidas nas comunidades por seus saberes tradicionais de cura. As raizeiras utilizam plantas medicinais e remédios naturais, enquanto as rezadeiras realizam orações e benzimentos para tratar males do corpo e do espírito. Elas representam a preservação dos conhecimentos populares e são figuras de confiança, cuidado e orientação dentro da comunidade.

um ambiente de estreitamento de laços familiares e memórias que ameaçavam ser apagadas pela urbanização.

A construção coletiva de conhecimentos, tão presente e impulsionada ao longo do curso, foi o que me motivou, em 2024, a buscar, junto com alguns colegas de turma, novas vivências. Foi nesse contexto que nos aproximamos do trabalho desenvolvido por nosso amigo Cláudio Abelha e sua esposa, Fábria Moura, no Sítio Creusa e Paulo Fulô, em Bonito-PE. A partir dessas experiências, passamos a realizar encontros colaborativos que passamos a chamar de “Mutirinhos”.

No sítio, há mais de dez anos, vem sendo desenvolvido um Sistema Agroflorestal Familiar (SAFA), fundamentado principalmente nos princípios da Permacultura²¹, voltado à recuperação de áreas antes degradadas, à conservação do solo e ao aumento da biodiversidade, integrando plantas, abelhas nativas e pessoas em um mesmo sistema vivo. Para mim, o contato com esse espaço representou um lugar de aprendizados, estudos, experimentações e criação de vínculos afetuosos.

Durante as vivências no sítio, participamos do planejamento e da implantação de áreas agroflorestais, realizando os manejos iniciais do terreno e plantios consorciados de diferentes culturas, sempre respeitando a lógica sucessional do sistema. Esses momentos foram acompanhados de observação, reflexão e sistematização das experiências, o que reforçou em mim a importância da partilha de saberes como ferramenta de fortalecimento coletivo.

O Sítio Creusa e Paulo Fulô também se tornou um etnoagroecossistema de referência, com o qual criei forte vínculo no decorrer da formação. Sendo especialmente marcante entre o 5º e o 6º período do curso, quando as temáticas de *Manejos Ecológicos em Sistemas Agroflorestais* e *Manejo de Etnoagroecossistemas* se apresentaram a partir das práticas e aprendizados também construídos nesse território.

²¹ A permacultura é uma forma de planejar e organizar sistemas de produção e de vida inspirados no funcionamento da natureza. Ela busca criar ambientes que integrem agricultura, manejo da água, energia e moradia de forma equilibrada. Seu objetivo é produzir alimentos e recursos respeitando o meio ambiente e fortalecendo a autonomia.

5. CONHECIMENTO SE CONSTRÓI COLETIVAMENTE

As *Imersões* no BACEP são momentos pedagógicos fundamentais que conectam teoria e prática por meio do contato direto com comunidades rurais e tradicionais, fortalecendo a formação a partir da realidade dos territórios. Elas estimulam a troca de saberes entre estudantes e agricultores, valorizam o conhecimento popular e aproximam os conteúdos estudados em sala, das vivências concretas de produção, organização social e resistência no campo, muitas vezes realizadas nos próprios territórios de origem ou atuação dos/as estudantes. Ao longo do curso, cada período se inicia com uma imersão, e através delas transitamos entre muitas regiões, da Zona da Mata ao Sertão, passando pelo Agreste, Recife e Região Metropolitana, ampliando o olhar sobre as diversas realidades, histórias, culturas e modos de vida.

Destaco aqui uma imersão que foi especialmente marcante para mim, por ter ocorrido em um território com o qual mantenho vínculos profundos. Em abril de 2024, durante o 5º período do curso, fomos até o Agreste Meridional, onde a turma pôde conhecer mais de perto a cultura, as tradições e as dinâmicas do território. Em Garanhuns, tivemos contato com diversos sujeitos e experiências ligadas à agroecologia, à preservação das tradições, à organização comunitária e ao saber popular, entre elas a comunidade do Sítio Cruz, o Quilombo do Castainho, a Rede SEMEAM e a experiência do agricultor Benedito Miranda (*em memória*), no Sítio Mochila.

Nessa imersão, orientada pelo eixo “Agir no Etnoagroecossistema” através da temática de *Manejos Ecológicos em Sistemas Agroflorestais*, guiada pelo professor Marcos Figueiredo, tivemos a oportunidade de realizar uma intervenção prática no Sítio de Seu Miranda, por meio da implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF).

Seu Miranda, foi um ser generoso, visionário e acolhedor que, com muita determinação conduzia o sonho de tornar seu espaço uma escola viva de práticas agroecológicas, apostando em cultivos biodiversos que integravam produção de alimentos, cuidado com o solo e a preservação da biodiversidade local. Seu sítio

também era um lugar de partilha e aprendizagem coletiva, buscando integrar a comunidade, estudantes e visitantes em torno da construção e troca de saberes.

O projeto, infelizmente, não pôde continuar após sua partida precoce, em agosto de 2024. Ainda assim, seus ensinamentos seguem germinando em nós, como sementes guardadas com carinho à espera da chuva certa. O convívio que tivemos com ele em seus últimos meses de vida e a corrente de cuidado tecida por estudantes e professores do BACEP, na mobilização por sua recuperação, revelaram que as pessoas que constroem o curso cultivam sobretudo empatia, solidariedade e compromisso com cada pessoa e território que cruzam seus caminhos.

6. MÃOS QUE SEMEIAM MEMÓRIA, CULTURA E TERRITÓRIO

A Rede SEMEAM, tem um papel fundamental na minha trajetória, pois foi através dela que me conectei com a agroecologia, com guardiões e guardiãs de sementes e comunidades no Agreste Meridional e a ela devo minha chegada ao BACEP. No ano de 2022, mesmo ano de ingresso no curso, recebi o convite para compor a coordenação da Rede através de Pedro Balensifer – extensionista rural pelo IPA e um dos fundadores da Rede, que tem sua trajetória marcada pela dedicação e compromisso com o fortalecimento da agricultura familiar e a preservação das sementes crioulas.

Representando uma estratégia de resistência que une a conservação da agrobiodiversidade à autonomia política dos camponeses, Balensifer (2019) em sua dissertação, descreve a Rede como uma articulação dinâmica entre agricultores e instituições que trabalha, prioritariamente, no resgate e na multiplicação de variedades tradicionais, especialmente de feijão, milho e fava, combatendo a erosão genética causada pelo mercado convencional. Desenvolvendo um trabalho em torno da implementação e do fortalecimento de Casas e Bancos Comunitários de Sementes (BCS), que funcionam como estruturas de segurança e soberania alimentar, permitindo que as famílias não dependam de pacotes tecnológicos externos ou de sementes comerciais padronizadas.

As principais pesquisas realizadas pela Rede têm sido sobre o registro de ocorrência e levantamento de variedades crioulas de feijão, milho e fava no território do Agreste Meridional de Pernambuco, onde já foram encontradas 42 variedades de feijão de arranca, 19 variedades de fava e 10 variedades de milho crioulo (Balensifer *et al.*, 2018).

As sementes crioulas são consideradas parte do patrimônio genético e cultural dos povos tradicionais e camponeses (Decreto Legislativo n.º 2, 1994). Segundo a Lei de Sementes 10.711/2003 (Brasil, 2003) a cultivar local, tradicional ou crioula é apresentada como aquela “variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades” e que não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais. Isto posto, a semente crioula é fruto do trabalho dos povos da terra, construindo a continuidade e a (re)existência de variedades alimentares e do conhecimento local associado (Barros *et al.*, 2022)

As mudanças relacionadas ao uso de recursos genéticos, resultaram na marginalização das sementes crioulas, causando a extinção de muitas variedades e a redução da população de outras. Esse processo de erosão genética não só leva ao desaparecimento físico das variedades, mas também à perda dos conhecimentos culturais associados ao uso tradicional das espécies nativas e variedades locais (Melo *et al.* 2020).

Com a expansão dos monocultivos, o Agreste Meridional — maior região produtora de feijão-comum em Pernambuco — passou por um processo de “especialização produtiva” (Balensifer, 2019), marcado em grande parte pelo uso de variedades comerciais tipos carioca e preto, que impactaram diretamente a relação das comunidades com as sementes crioulas.

A homogeneização das culturas contribui para o apagamento de elementos alimentares identitários do território, ao impor padrões sobre a construção da ideia do que se é considerado ideal para produção e consumo e ao se apropriar e transformar geneticamente algumas variedades de sementes tradicionais, não com o objetivo de melhorar sua qualidade, mas de gerar dependência à grandes empresas que controlam o mercado de sementes, adubos e defensivos.

Para Braga (2004), as preferências alimentares são construídas social e culturalmente por meio de aprendizados cotidianos inseridos em sistemas simbólicos compartilhados. Os alimentos deixam de ser apenas substâncias nutritivas e se tornam “comida” ao receberem significados, valores e classificações culturais que orientam escolhas e rejeições. Nesse processo, a alimentação atua como um importante marcador de identidade, pois o modo de comer e os alimentos consumidos expressam pertencimentos sociais, culturais e históricos, articulando tradição, memória e relações sociais. Assim, a alimentação é compreendida como um ato social e político, conectado ao território, à cultura e à soberania alimentar, perspectiva trabalhada na temática *Alimentação e Sociedade*, no 4º período do curso, sob orientação da querida e popular professora Zênia Tavares.

Ainda no 4º período do curso, tivemos a oportunidade de participar de uma experiência marcante durante imersão realizada no 10º Seminário Nacional da Agrobiodiversidade e Sementes Crioulas (SENASEC), realizado pelo Movimento Camponês Popular (MCP) em Recife, em outubro de 2023. Reunindo centenas de camponeses e camponesas, pesquisadores, estudantes e militantes de diversos estados, promovendo a troca de saberes, experiências e práticas de produção agroecológica, além de debates sobre políticas públicas voltadas à garantia de alimentos saudáveis e à preservação dos recursos genéticos tradicionais.

Durante o 5º período do curso, na temática de *Processos de Melhoramento Genético Participativo*, com a professora Ana Cláudia, aprofundamos esse tema por meio de um exercício prático de caracterização de espécies. Nesse exercício, analisamos diferentes variedades de sementes quanto à cor, tamanho, formato e resistência, identificando características específicas de cada variedade e refletindo sobre como esses dados podem orientar práticas de manejo e seleção participativa para fortalecer a agrobiodiversidade local.

Ao longo de sua trajetória, a Rede SEMEAM tem se dedicado à formação relacionada aos processos de melhoramento genético participativo, junto aos agricultores familiares, bem como à pesquisa, à sistematização e à catalogação de variedades tradicionais. Um exemplo significativo é o milho *Batité*, uma das variedades mais antigas cultivadas na região, hoje ameaçada pela difusão das

sementes comerciais (transgênicas e híbridas), mas protegida pelos guardiões e guardiãs que compõem a base da Rede.

Essa variedade também era cultivada pelos meus avós no povoado da Palmatória, como me relatou certo dia Seu Belo, meu único avô vivo e residente na cidade de Garanhuns. Segundo João Karkará, no dialeto Dzubukuá do povo Cariri, *Batité* significa “Povo Unido de Verdade”, expressão que simboliza, de forma potente, a força da união dos povos em torno da preservação das sementes e da vida no território. Uma segunda interpretação do significado da palavra “*Batité*” pode vir derivado do idioma indígena Guarani que usa a expressão “*Avati Tei*” para milho verdadeiro ou milho legítimo, segundo Sérgio Gwiri.

A Rede se organiza e se estrutura a partir de uma coordenação colegiada, que busca garantir a pluralidade e a participação ativa dos diversos sujeitos envolvidos. Desde que passei a integrar efetivamente esse coletivo, assumi a função de coordenador de comunicação, contribuindo para a articulação e realização de seminários e feiras de troca de sementes, bem como para o fortalecimento da divulgação de eventos, ações, produtos e processos de sistematização de experiências. Além disso, participei de iniciativas voltadas à implantação de roçados coletivos para a multiplicação de sementes.

As Feiras de Troca de Sementes Crioulas, realizadas anualmente pela Rede em conjunto com o IPA, são espaços de resistência e partilha, onde agricultores, povos e comunidades de várias regiões do estado se reúnem em Garanhuns para trocarem sementes e saberes. Reforçando os laços de solidariedade, garantindo a conservação e circulação das variedades, mantendo o controle das sementes e da alimentação nas mãos de quem cultiva a terra.

Uma das experiências em que também pude estar diretamente envolvido neste período à frente da coordenação foi o projeto do “Feijão Crioulo Agroecológico”. Participando principalmente das etapas de beneficiamento, realizadas a partir dos mutirões de seleção e empacotamento, além das ações de venda, durante os eventos em que a Rede periodicamente costuma participar. O projeto tem mostrado seu grande potencial, pois além de valorizar a diversidade das sementes locais, também garante uma remuneração mais justa às famílias

agricultoras que as produzem, além de contribuir para o fortalecimento das ações da Rede no território, fechando um ciclo solidário entre produção e consumo.

Um desafio a ser superado no projeto está relacionado à escala de produção, que poderia ser maior se houvesse a disponibilidade de uma unidade mecanizada de beneficiamento e processamento de grãos, algo que a Rede ainda não dispõe. Isso mostra, que novos canais de comercialização podem ser construídos e consolidados como forma de criar arranjos comerciais locais e regionais independentes das cadeias convencionais e padronizadas, que não demonstram interesse na comercialização de produtos com diversidade, identidade territorial e indicação geográfica (Balensifer *et al.*, 2025)

O sucesso deste trabalho, que também recebe a oferta do serviço de assistência técnica e extensão rural (ATER) do IPA, reside na capacidade da Rede em construir mercados alternativos e circuitos curtos de comercialização, que valorizam a diversidade de cores e sabores das sementes locais em vez de cederem à pressão pela padronização exigida pelos grandes atravessadores. Assim, a Rede SEMEAM não apenas conserva sementes, mas preserva o modo de vida camponês, garantindo que o território do Agreste Meridional permaneça resiliente frente às ameaças da modernização conservadora e do apagamento cultural (Balensifer, 2019).

Em 2023, conheci Elmir Lima, em Garanhuns, então mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPCIAM) da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Sua pesquisa se debruçava sobre os desafios e as estratégias utilizadas por agricultores familiares na conservação de sementes crioulas na região, com enfoque na cultura do feijão, em diálogo com a Rede SEMEAM.

A confluência com esse universo de saberes, práticas e resistências nos aproximou, e logo esse encontro se transformou em amizade. Em meio às conversas, Elmir compartilhou sobre o seu desejo de transformar o conhecimento construído em sua dissertação em imagem e memória viva, como forma de devolução aos agricultores que abriam suas casas, roçados e histórias, enquanto um produto voluntário de sua pesquisa. A vontade de documentar essas narrativas e vivências já pairavam sobre mim e encontrou nesse convite o terreno fértil para se

materializar. Foi assim que começou a germinar, graças à força coletiva de muitos amigos envolvidos, o curta-metragem “Feijões da Vida”, disponível no canal do youtube da Rede SEMEAM²².

Produzido a partir da escuta sensível à guardiões e guardiãs de sementes crioulas do Agreste Meridional, especificamente entre os municípios de Garanhuns, Jucati e São João, o filme nasceu como um retrato das dimensões alimentares, culturais, econômicas e históricas dos feijões crioulos, preservados como herança viva das comunidades. Em diálogo com a Rede SEMEAM, a obra revela a força da articulação territorial e celebra as memórias que entrelaçam as histórias associadas às sementes e à vida de quem as cultiva e protege geração após geração.

O filme também se consolidou como uma importante ferramenta educativa para a difusão dos saberes ligados à salvaguarda das sementes tradicionais. Já sendo exibido em espaços formativos, como em aulas do próprio BACEP, e em cineclubes, a exemplo do Maniva Cine Rural — projeto de cinema itinerante com atuação no Agreste, levando exibições audiovisuais, música e cultura popular a comunidades rurais e distritos. Nesta ocasião, conseguimos realizar uma exibição na comunidade da Palmatória, comunidade de origem da minha família. A sessão se transformou em um momento de partilha e memória coletiva, abrindo diálogo com os moradores mais antigos sobre as variedades de sementes que ainda são cultivadas no território e aquelas que, ao longo do tempo, se perderam.

O momento ainda culminou em uma grande roda de Mazurca - brincadeira de roda, tradicional das comunidades rurais na região, que envolve dança, cantigas e versos improvisados, que podem falar do cotidiano, do amor, do trabalho na roça, da paisagem, de brincadeiras entre os participantes ou até de acontecimentos da comunidade. Às vezes são versos já conhecidos da tradição, em outras, surgem na hora, no estilo da cantoria popular, da qual minha avó, Bibiu foi puxadora. A dança não acontecia na comunidade havia mais de 30 anos, tornando aquela noite profundamente simbólica, marcada pelo reencontro com a memória, a cultura e os laços coletivos.

Documentar histórias é como guardar sementes, registrar memórias para que o tempo não as disperse. O poder do audiovisual enquanto mecanismo de

²² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e_s54lsMkdE. Acesso em: 10 mar. 2026.

materializar vivências, faz com que se guardem saberes que muitas vezes existem apenas na oralidade e no cotidiano, dando forma duradoura ao que poderia se perder. Nesse sentido, torna-se uma poderosa ferramenta de sistematização de experiências, capaz de organizar aprendizados, valorizar trajetórias e reconhecer a importância de modos de vida que constroem, silenciosamente, a riqueza cultural e social dos territórios.

Durante o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia, realizado em outubro de 2025, em Juazeiro/BA, tive a oportunidade documentar e submeter um relato de experiência em formato de vídeo, transformado-se em um curta-metragem²³, sobre a trajetória de Josenildo Nunes, conhecido como Nido da Batata, grande guardião de variedades de batata-doce do Agreste Meridional e integrante da Rede, do Sítio Batinga, município de Jucati/PE. No evento, Nido pôde assistir à exibição do próprio filme e participar do debate realizado em seguida. Um momento profundamente simbólico e marcante para mim. Essa vivência reforçou ainda mais a importância de se dar visibilidade a narrativas historicamente invisibilizadas.

O congresso, que representou também a nossa última imersão, do 8º período, foi cenário de outra conquista significativa, a participação, pela primeira vez, de guardiões e guardiãs de sementes da Rede em um evento desse porte. Fruto de muito esforço coletivo, eles não apenas estiveram presentes, como também apresentaram seus próprios relatos de experiência, tornando essa participação ainda mais potente e cheia de sentido.

Durante o último período do curso, realizei meu segundo e último Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO2) junto à Rede SEMEAM, sediada na Gerência Regional do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), em Garanhuns. Nesse contexto, o IPA atua como um dos principais parceiros institucionais da Rede. Sua atuação se materializa, sobretudo, por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), acompanhando agricultores familiares e fortalecendo os bancos comunitários de sementes, com contribuições metodológicas, orientações técnicas e apoio à sistematização das práticas agroecológicas.

Além disso, o Instituto participa ativamente no fomento, articulação e realização de ações estruturantes para a Rede, como as Feiras de Troca de

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXNDH86teso>. Acesso em: 10 mar 2026.

Sementes Crioulas e Seminários. A presença e o apoio do IPA ajudam a legitimar e dar visibilidade às práticas das sementes crioulas, fazendo com que essas iniciativas ganhem maior espaço político e social junto a autoridades públicas, movimentos sociais e sociedade civil.

Com o sentimento de voltar para casa, vivenciar o estágio foi retornar a um território que já fazia parte da minha formação, mas agora em outro lugar, não apenas como aprendiz, e sim como alguém chamado a contribuir. Entre muitos caminhos percorridos nesta caminhada no BACEP, entendi que estar ali era fortalecer uma caminhada que também me construiu, assumindo responsabilidades junto a quem foi minha escola.

Participar da organização da 10ª Feira de Troca de Sementes Crioulas, celebrando os 10 anos da nossa Rede, foi viver na prática a dimensão dessa rede que resiste no tempo. Com pés no chão e presença, ajudei a construir um encontro que reuniu centenas de pessoas em torno da partilha, que de forma muito simbólica teve como tema “Mãos que semeiam memória, cultura e território”. Estar nesse processo foi reconhecer que crescer também é devolver, em trabalho e entrega, parte do que a Rede SEMEAM semeou em mim.

7. A RAIZ COMUNITÁRIA É FUNDAMENTO SAGRADO

Os Estágios Obrigatórios do Bacharelado em Agroecologia são experiências práticas supervisionadas que nos colocam em contato direto com a realidade, ligando o que se aprende na sala de aula com a vivência prática no âmbito da atuação profissional. Eles são essenciais para desenvolver habilidades, fortalecer a formação e são necessários para concluir o curso.

A minha primeira vivência de estágio durante o curso (ESO1), foi realizada em julho de 2025, e aconteceu na Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na microrregião Norte/Sobral do Ceará. Foi através do contato com Monaiane Jovem — cearense vinda das vegetações carrasacas que permeiam a Serra da Ibiapaba, colega de turma e amiga querida que ganhei no curso — que pude conhecer a RIS e um pouco do trabalho em torno da preservação das Sementes da Vida no estado do Ceará, que conta com 265 casas de sementes ativos no território cearense, segundo

o Mapeamento dos Bancos e Casas de Sementes Crioulas do estado do Ceará, publicado no ano de 2024.

O estágio foi realizado através da Cáritas Diocesana de Sobral que é uma organização da sociedade civil, ligada à Igreja Católica e que atua na região desenvolvendo ações voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar, à convivência com o semiárido e à segurança alimentar. Nesse contexto, a Cáritas desempenha um papel fundamental no apoio à Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS), contribuindo para a preservação das sementes tradicionais, fortalecimento das Casas Comunitárias de Sementes e o incentivo à práticas agroecológicas que sustentam a resistência e a autonomia das comunidades camponesas na região.

A história da RIS se entrelaça com a trajetória de luta das comunidades rurais cearenses pela preservação de seus saberes, práticas e territórios. Se constituindo como uma articulação de agricultores e agricultoras que se organizam em torno da preservação, multiplicação e partilha das chamadas Sementes da Vida.

Nascida em um contexto de resistência às secas, à dependência de sementes comerciais e às ameaças das sementes transgênicas, a Rede tem nas Casas Comunitárias de Sementes sua principal base de atuação — espaços coletivos onde as sementes são guardadas, emprestadas, devolvidas e cuidadas. Mais que estoques, essas casas são lugares de encontro, organização social, formação e fortalecimento de vínculos comunitários

As Casas de Sementes desempenham um papel significativo na vida dos/as camponeses/as, que ao resgatar e compartilhar sementes, preservam a identidade cultural comunitária, reforçando o senso de pertencimento e valorização das tradições locais. Colocando-as não apenas como espaços de conservação, mas como agentes de transformação social e ambiental. (Silva, 2025).

Durante meu estágio na microrregião Norte de Sobral, tive a oportunidade de conhecer guardiões e guardiãs e suas trajetórias de cuidado com variedades de sementes, especialmente de milho, feijão, fava, jerimum entre outras culturas adaptadas às condições do semiárido. Pude visitar 9 Casas de Sementes, acompanhei seus processos de gestão coletiva e participei de ações de diagnóstico e mobilização.

Durante o período em que estagiei pelo sertão do Ceará, pude percorrer o território para conhecer experiências ligadas às expressões culturais locais e, de forma especialmente marcante, por meio do amigo João Altino, conheci a tradição do Boi de Reisado ou Reisado de Caretas²⁴ mantida viva na comunidade de Pocinhos, zona rural do município de Forquilha. Manifestação da cultura popular cearense que atravessa gerações e, mais do que uma celebração, se afirma como um importante símbolo de resistência cultural, identidade e memória.

Também estive presente em momentos formativos e celebrativos, como as Festas da Colheita, que reúnem espiritualidade, cultura, partilha e articulação política em torno das sementes. Essa experiência ampliou profundamente minha compreensão sobre a força da organização comunitária e sobre as sementes crioulas como expressão de memória, identidade, resistência e esperança no território, e também culminou na elaboração de um artigo de relato de experiência técnica, apresentado durante o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), intitulado *“A raiz comunitária é fundamento sagrado: a experiência da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na microrregião de Sobral - Ceará”*, onde tive a alegria de compartilhar essa apresentação ao lado de Cleide Maria, coordenadora regional da RIS, representando o trabalho construído coletivamente nos territórios.

Fazer parte da Rede SEMEAM e ter a oportunidade de estagiar junto à RIS significou um verdadeiro intercâmbio de saberes. A vivência permitiu ampliar meu olhar sobre as estratégias comunitárias de salvaguarda das sementes em outro contexto, percebendo como diferentes territórios, mesmo com suas particularidades culturais, ambientais e organizativas, compartilham princípios comuns de cuidado e coletividade. Reconhecer essas conexões fortaleceu minha própria caminhada de estudos, ao evidenciar que a experiência da RIS dialoga profundamente com a trajetória da nossa rede, tecendo pontes de aprendizado, inspiração e compromisso com a preservação das sementes crioulas e da autonomia dos povos do campo.

²⁴ O Boi de Reisado, também chamado de Reisado de Caretas no Ceará, é uma manifestação da cultura popular ligada às festas do ciclo natalino e do Dia de Reis. A brincadeira reúne música, dança e encenações com personagens mascarados, chamados de caretas, que animam o cortejo.

8. TECENDO REDES: A EXPERIÊNCIA DA ECOFEIRA

Durante a graduação, em outubro de 2024, quando cursava o 6º período, fui convidado pela professora Horasa Andrade a integrar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A partir dessa experiência, passei a acompanhar, por meio da assessoria tecnológica e da extensão inovadora da Incubadora de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP/UFRPE, as atividades da Feira Agroecológica da Agricultura Familiar e Economia Solidária – Ecofeira da Rural, realizada na UFRPE.

Mais do que um espaço de comercialização, a Ecofeira revelou-se como um território de encontros, formação política e construção de vínculos. Atuando ao lado de amigos do curso, acompanhei a consolidação de um espaço de troca de saberes e fortalecimento de redes, onde a agroecologia se expressa sobretudo nas relações de cooperação e solidariedade.

A agroecologia e a economia solidária se apresentam como caminhos possíveis para os sujeitos do campo e da cidade. Ambos os movimentos se comunicam principalmente no que se refere aos processos de construção de mercados sustentáveis e solidários, e às estratégias de garantir o direito humano à alimentação de indivíduos e comunidades, tanto no campo quanto na cidade (Dubeux; Peixoto, 2017).

Durante o período de acompanhamento, que se estendeu por um ano, contribuí com processos organizativos e iniciativas de fortalecimento da feira, especialmente nas ações de comunicação, na articulação de rodas de diálogo e no apoio à construção de estratégias de comercialização solidária, como o grupo de consumo intitulado “Ecocesta”, que infelizmente não seguiu adiante, mas que em sua proposta buscou ampliar os circuitos curtos de comercialização e a aproximação entre produtores e consumidores.

Ao longo dessa caminhada, não construí apenas conhecimento acadêmico, mas também laços afetivos. Entre bancas, conversas e partilhas de experiências, fui aprendendo com os feirantes que a agroecologia se cultiva nas relações. Os vínculos criados nasceram do trabalho coletivo, da escuta, do respeito e da

convivência, transformando minha atuação no PIBIC em um lugar onde pesquisa, extensão e vida cotidiana se entrelaçam.

Essa vivência me proporcionou aprendizados sobre a economia solidária, construção de mercados alternativos e o papel da universidade na extensão popular, compreendendo também a importância das redes de comercialização solidária na promoção da soberania e da segurança alimentar.

No âmbito da pesquisa, realizei estudos participativos a partir de visitas aos territórios dos feirantes, analisando as dinâmicas de consolidação de sistemas agroalimentares sustentáveis e seus desafios, especificamente nos agroecossistemas familiares do Sítio Creusa e Paulo Fulô, em Bonito/PE; do Sítio Recanto da Felicidade, em Lagoa de Itaenga/PE; e do Sítio MeliHorta de Cultivo Ecológico, em Paudalho/PE.

Os resultados desse percurso resultaram em um artigo de relato de experiência técnica, apresentado no 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), intitulado *“Tecendo redes, cultivando saberes: a experiência da Ecofeira da Rural na construção de sistemas agroalimentares solidários”*, onde tive a satisfação de apresentá-lo ao lado do meu amigo Cláudio Abelha, representando também os demais feirantes, reafirmando que pesquisa não se faz sozinho, é um processo coletivo, construído a muitas mãos, e que reconhecer essas autorias compartilhadas é parte fundamental do próprio fazer agroecológico.

9. AGRESTES PROFUNDOS

No BACEP, existem os grupos de autogestão, que são equipes formadas pelos próprios estudantes para ajudar a organizar e cuidar do dia a dia do curso. Cada grupo assume uma função, como cuidar dos espaços, registrar as atividades, avaliar o andamento das disciplinas ou fortalecer a parte cultural. Mais do que dividir tarefas, esses grupos fazem a gente aprender, na prática, a trabalhar em conjunto, assumir responsabilidades e viver os valores da agroecologia também na forma de estudar e se organizar.

Geralmente, esses grupos se organizam a partir dos territórios, e eu tive a sorte de fazer parte do grupo dos “Agrestes”. Um encontro que foi além, entre risadas, partilhas e sonhos semeados em conjunto, encontrei pessoas que se tornaram referência, apoio e inspiração. Caminhamos lado a lado durante o curso, celebrando conquistas, enfrentando desafios e aprendendo uns com os outros. Dessa convivência nasceu uma amizade que ultrapassou os muros da universidade e criou raízes profundas, firmadas no carinho e na construção das memórias que trilhamos juntos.

Ao final de cada período, acontecem as culminâncias, que são encontros de encerramento do semestre em que cada grupo compartilha com as demais turmas os aprendizados das vivências, se utilizando de expressões lúdicas, artísticas e criativas. Fazendo com que o fechamento do semestre se transforme em um tempo de celebração, aprendizagem e conexão entre as turmas.

No nosso grupo “Agrestes” as culminâncias sempre foram momentos de construção coletiva, participação e escuta ativa, nelas apresentamos exposições fotográficas, instalações pedagógicas, teatro de mamulengo, música, poesia e tentativas (nem sempre bem sucedidas) de encenações teatrais. Foi durante uma dessas culminâncias que surgiu a ideia de criarmos a *Rádio Roçado Sonoro*²⁵, que culminou na união de almas velhas, amantes e saudosas dos antigos programas de rádio e das tecnologias que o mundo atual chama de ultrapassadas, mas que para nós eram pontes de encontro.

A rádio amadora e experimental criada para uma culminância, se expandiu em outros episódios²⁶ onde falávamos das vivências no curso, das temáticas e experiências nos territórios e entrevistas com demais companheiros/as que compartilharam da mesma caminhada. Entre uma prosa e outra também moravam o riso solto, os causos, as poesias e as músicas que abraçavam o entardecer nas mesas de bares. Como roçado que descansa depois da colheita, ela precisou silenciar quando os ventos da vida chamaram cada um para outros caminhos e

²⁵

Disponível

em:

<https://soundcloud.com/radio-rocado-sonoro/radio-rocado-sonoro-1-episodio>. Acesso em 10 mar. 2026.

²⁶

Disponível

em:

https://soundcloud.com/radio-rocado-sonoro/r-dio-ro-ado-sonoro-2-epis-dio?si=cbf87d1c1d8f46a593d4dd215e17c4e9&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing. Acesso em 10 mar. 2026.

responsabilidades, mas os chiados dos seus encontros ficarão guardados na memória.

10. EM BUSCA DA EXTENSÃO POPULAR

Em novembro de 2025, ainda durante meu segundo estágio na Rede SEMEAM, recebi uma ligação da professora Horasa Andrade, com quem já havia trabalhado anteriormente no PIBIC. Dessa vez, o convite era para integrar temporariamente, a equipe do Programa “Mais Gestão Nordeste”, uma iniciativa vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e executada em parceria com a UFRPE – o programa oferece assistência técnica e apoio à gestão de cooperativas e associações da agricultura familiar, com foco na qualificação dos processos organizativos, contábeis e comerciais, além do fortalecimento do acesso a mercados institucionais e políticas públicas.

Minha missão enquanto “técnico de transição”, consistia em realizar o diagnóstico e o acompanhamento de oito organizações da agricultura familiar, sete delas localizadas nas regiões do Sertão (Moxotó, Itaparica e São Francisco) e uma no Agreste Meridional de Pernambuco. O objetivo central seria então o de compreender os entraves que haviam impedido essas organizações de acessarem o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A partir desse diagnóstico, buscando então identificar caminhos para superar pendências documentais, organizativas ou operacionais, possibilitando que essas organizações se habilitassem novamente e pudessem acessar a política pública, fortalecendo sua autonomia e sua capacidade de comercialização.

Embora fosse uma proposta desafiadora, pois além dessas demandas, precisaria conciliar a finalização do curso e a elaboração do memorial, aceitei o convite. O desafio têm se revelado extremamente enriquecedor, pois tem me permitido vivenciar de perto a realidade de organizações que enfrentam grandes dificuldades, especialmente aquelas situadas em regiões semiáridas, onde o acesso à água é um obstáculo constante. Essa experiência me conectou profundamente com algo que considero central nas minhas perspectivas de atuação, estar junto à

comunidades rurais e buscar desenvolver um trabalho de ATER voltado para o fortalecimento da agricultura familiar.

O envolvimento com o Mais Gestão, tem reforçado minha compreensão sobre o impacto transformador da ATER, que vai muito além da transferência de técnicas, e sim promover autonomia, fortalecer capacidades organizativas e ampliar oportunidades de acesso a políticas públicas, contribuindo para a sustentabilidade das comunidades rurais e para a valorização da agricultura familiar. Esta atuação tem sido, sem dúvida, uma experiência valiosa e, muitos dos conhecimentos adquiridos através do BACEP, tem me servido para guiar os caminhos no Mais Gestão, sobretudo se tratando de metodologias participativas.

Durante o 4º período, na temática de *Expressões Culturais do Campesinato*, a professora Joanna Lessa nos apresentou o livro *O Extensionista*, de Felipe Santander (1987), obra que me marcou profundamente por trazer uma reflexão crítica sobre o papel da extensão rural. Em formato de dramaturgia e inspirado no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, a obra se utiliza da linguagem teatral para questionar relações de poder e modelos tradicionais de atuação no campo. Nos fazendo refletir sobre a necessidade de construção de uma extensão rural popular, baseada no diálogo, na valorização dos saberes e fortalecendo processos participativos capazes de promover transformações reais no meio rural.

11. CANTO PARA A TERRA DE TUAS MÃOS

No Agreste pernambucano, tive contato com as primeiras expressões culturais ligadas à musicalidade popular. Foi no povoado da Palmatória que minha avó, Dona Bibiu, agricultora e brincante, entoava cantos e rezas que atravessavam o cotidiano da comunidade. Bibiu, embora não tenha tido a oportunidade de aprender a ler e escrever, para além de desenhar seu próprio nome, carregava uma sabedoria profundamente enraizada nas tradições do seu povo, alimentada pela participação nos festejos juninos, nos folguedos de roda²⁷, nas mazurcas, no apreço às cantorias de viola e nas cantigas de adjunte entoadas durante os trabalhos no roçado.

²⁷ Os folguedos de roda são manifestações da cultura popular em que as pessoas cantam, dançam e brincam formando uma roda. Misturando música, dança, ritmo, expressando tradições, histórias e a identidade cultural das comunidades.

Em toda a região do Agreste pernambucano, os cantos de trabalho — também conhecidos como “cantigas de adjunte”, “rojões” ou “aboios de roça” — eram entoados durante os mutirões, chamados popularmente de “adjuntes” ou “batalhões”. Nessas ocasiões, famílias se reuniam para preparar a terra, roçar o mato, semear, “xaxar”²⁸ o roçado, cavar ou limpar barreiros²⁹ e até construir casas. Esses cantos também marcavam outras atividades coletivas, como as “panhas de café”³⁰, as “catas de algodão”³¹, as “farinhadas”, as “batas de milho e feijão”³², as “pilas de café”³³, entre outros.

Se cantava com intuito de ditar um ritmo às atividades, bem como tornar mais leve a labuta do trabalho, necessário para garantir a segurança alimentar das famílias ao longo do ano. A manutenção dos roçados, a conservação das sementes para os ciclos seguintes e a geração de renda dependiam diretamente desse trabalho coletivo.

Sabe-se que muito do que se cantava foi perdido ou desapareceu junto às transformações que se deram no campo, pela substituição da mão de obra humana pelas máquinas, pelos processos de êxodo e migrações, pela influência estética dos meios de comunicação de massa e até mesmo por meio do avanço das igrejas

²⁸ No Agreste pernambucano, xaxar o roçado é a prática de limpar os matos que crescem ao redor das culturas, como milho, feijão ou macaxeira. Trata-se de um manejo manual da roça, feito com enxada, para retirar o mato que compete com as plantas e garantir melhor desenvolvimento da lavoura.

²⁹ Limpar barreiros é a prática de retirar o lodo, mato e outros resíduos acumulados no fundo e nas bordas dos barreiros, para aumentar a capacidade de armazenamento e melhorar a qualidade da água usada pelas famílias e pelos animais.

³⁰ As panhas de café eram os momentos de colheita do café, geralmente realizados por mulheres, que colhiam os grãos manualmente e os guardavam em cestas de cipó amarradas à cintura.

³¹ As catas de algodão eram os momentos de colheita do algodão, uma atividade também geralmente realizada por mulheres, que colhiam manualmente os capulhos e os guardavam em bisacos, tipos de bolsas ou sacolas de pano presas ao corpo para facilitar o trabalho na roça. Era uma prática comum nas lavouras do Agreste, marcada pelo trabalho coletivo e pelo saber das agricultoras.

³² As batas de milho ou feijão eram momentos de debulha das colheitas, quando se separavam os grãos das espigas ou vagens. No Agreste, esse trabalho costumava ser feito de forma coletiva, em adjunte, reunindo famílias e vizinhos, muitas vezes acompanhado de cantos de trabalho que ajudavam a marcar o ritmo e tornavam a atividade mais animada.

³³ As pilas de café eram momentos em que as pessoas se reuniam para pilar o café, quebrando a casca dos grãos secos em pilões de madeira.

neopentecostais nas comunidades, que repudiam tais expressões culturais, reprimindo e dificultando a permanência dessas tradições.

Os cantos de trabalho são talvez as primeiras canções criadas pelo homem, a sua origem se perde na distância do tempo, essas remotas cantigas nasceram do trabalho coletivo, da solidariedade de pessoas que se juntaram em grupo, para executar uma tarefa comum e especialmente a primeira e primordial tarefa do homem, lavrar a terra e cultivar os seus frutos. (HIRSZMAN Leon, 1976)

Em grupo, cantam e se movimentam nas batidas que dão ritmo ao trabalho, com braços que se movem, corpos que se dobram e desdobram, numa só voz e pulsação. O compasso marcado embala a todos num só golpe, música e trabalho tornando mais ameno o cotidiano, fazendo o tempo fluir e a dor ganhar a companhia da mão que bate, do corpo que vibra e da voz que canta. É a vida congregando pessoas e consolidando comunidades em torno de atividades e encontros em que cooperação, partilha e celebração se interpenetram, unindo fazeres expressivos a afazeres necessários. (Sonora Brasil. Cantos de Trabalho, 2016)

Em 2023, junto a amigos que compartilham da mesma urgência de resgatar e preservar saberes em risco de desaparecimento, iniciamos o projeto *Canto Para a Terra de Tuas Mãos*. A iniciativa nasceu com o propósito de mapear e registrar os cantos de trabalho do Agreste pernambucano, bem como as práticas coletivas ligadas ao trabalho comunitário nas zonas rurais. Mais do que documentar músicas, o projeto buscava valorizar as memórias, os modos de fazer e as formas de cooperação que historicamente sustentaram a vida no campo.

Mesmo sem conseguir captação de recursos através de editais culturais, o trabalho segue vivo, acontecendo de forma espontânea, autônoma e colaborativa. Sustentado pelo compromisso com essas tradições, buscamos reafirmar a importância de reconhecer os cantos de trabalho e as práticas coletivas como patrimônios culturais que expressam resistência, identidade e continuidade das tradições nas comunidades do Agreste.

Na região, ainda persistem diversas manifestações da cultura popular, marcadas por dinâmicas próprias e identidades singulares, cujas práticas são cotidianamente tensionadas e disputadas. O crescimento econômico, impulsionado sobretudo pela expansão do agronegócio e da indústria têxtil, consolidou-se dentro

de estruturas de poder que também têm contribuído para processos de apagamento histórico e identitário de povos e comunidades.

No caso da Palmatória, assim como em outras localidades rurais do Agreste Central pernambucano, o apagamento cultural e identitário relaciona-se à expansão do polo industrial do jeans e das facções de confecção³⁴ que, apesar de apresentadas como alternativa econômica diante das limitações e fragilidade das políticas públicas para o campo, passaram a reorganizar os territórios e os modos de vida sob uma lógica produtivista.

Esse processo deslocou práticas agrícolas tradicionais, enfraqueceu vínculos comunitários e, com a intensificação do trabalho precarizado e das longas jornadas nas facções, esvaziou práticas coletivas, brincadeiras populares e outras expressões culturais, promovendo não apenas uma mudança na base produtiva da região, mas também um apagamento simbólico que substitui modos de vida camponeses por uma lógica industrial centrada no lucro e que fragiliza a memória coletiva.

No 6º período do curso, retornamos ao Agreste para uma nova imersão, momento em que a turma visitou a comunidade da Palmatória e pôde conhecer de perto as problemáticas relacionadas às facções de jeans. Nessa ocasião, também tivemos contato com o trabalho de João Brasil, meu primo, cuja atuação se volta à conscientização ambiental e à preservação da Serra da Guarita — área de grande relevância por abrigar rica fauna e flora, além de vestígios milenares de ocupação humana.

Durante essa mesma vivência, conhecemos o Projeto Som da Serra, desenvolvido na comunidade quilombola de Carapotós, vizinha à Palmatória. A iniciativa atua na preservação cultural por meio do resgate e fortalecimento das tradições musicais locais, especialmente da banda de pífanos, promovendo a transmissão desses saberes entre gerações ao envolver crianças e jovens em oficinas e vivências musicais. Também tivemos contato com o grupo Flor do Barro, formado por mulheres artesãs do Alto do Moura, em Caruaru, que realizam um

³⁴ As facções de jeans, ou fabricos de costura, são pequenas unidades de produção de roupas que funcionam, muitas vezes, dentro das próprias casas. Nessas oficinas familiares, trabalhadores realizam etapas da confecção, como costura, acabamento ou montagem, prestando serviço para fábricas ou marcas maiores.

importante trabalho de valorização e continuidade da tradição do barro, expressão cultural histórica da região.

No município de Garanhuns, no Agreste Meridional de Pernambuco, o processo de apagamento identitário também se faz presente. Expressões culturais ligadas à musicalidade rural, como o reisado e o coco, vêm sendo gradualmente invisibilizadas, apesar de sua forte presença histórica no território. Ainda assim, essas manifestações resistem e seguem vivas nas comunidades rurais, onde se articulam práticas artísticas, religiosas e sociais que envolvem música, dança, celebrações e saberes culinários, mantendo ativa uma memória cultural que insiste em permanecer.

A necessidade de enfrentar os processos de apagamento histórico e cultural, que ameaçam tradições e memórias coletivas diante dos modelos hegemônicos de produção, ampliou meu olhar e compromisso com as expressões culturais do território. Após participar da Festa da Colheita, no Sítio Cruz, em Garanhuns, em novembro de 2022, senti a urgência de fortalecer aquilo que ainda resiste vivo nas comunidades. Foi nesse contexto que, com o incentivo do meu amigo Gabriel Bezerra (flor das chagas), minha irmã Micaelle Vanessa e algumas/uns amigas/os, iniciamos um processo de apoio e valorização do reisado na região.

As expressões culturais populares estão profundamente ligadas ao meio rural. O reisado, manifestação tradicional da cultura popular reúne música, dança, teatro e religiosidade, tem grande significado em Garanhuns e nas comunidades rurais. Realizado especialmente no ciclo natalino, entre o Natal e o Dia de Reis, contando com personagens simbólicos e cantorias que celebram a memória, a fé e os laços comunitários.

A partir do encontro com Luan Tenório — jovem mestre, agricultor, artesão e pesquisador do Sítio Cruz, em Garanhuns — passamos a buscar formas de contribuir para o fortalecimento do reisado na comunidade, inspirados por sua dedicação. Com raízes familiares profundamente ligadas a essa tradição, Luan aprendeu desde a infância, junto à sua família, peças de reisado³⁵ que historicamente são mantidas pela oralidade e transmitidas de geração em geração.

³⁵ No reisado, as peças são as músicas ou cantos que compõem a apresentação do grupo. Cada peça possui seu próprio ritmo, letra e momento dentro da brincadeira.

Luan então, conseguiu mobilizar estudantes da escola local e, por meio do acesso a editais de fomento à cultura, conquistamos recursos para a criação do *Reisado Juvenil Estrela do Divino*. Formado por jovens da comunidade, o grupo passou a recriar e manter viva a tradição, assumindo um papel ativo na continuidade dessa manifestação cultural e reafirmando os laços entre juventude, território e memória. Desde 2024, a iniciativa vem alcançando resultados significativos, sustentada pelo trabalho coletivo e pelo envolvimento de diversas pessoas que se somam ao processo. Além de fortalecer a identidade cultural local, o grupo tem promovido intercâmbios e ações de circulação com outras iniciativas da região, ampliando redes de apoio e contribuindo para que o reisado permaneça vivo, dinâmico e presente no território.

Para além do trabalho de fortalecimento do reisado, Luan também se dedica ao resgate de práticas ligadas aos ofícios e tradições do trabalho comunitário. Com grande empenho, construiu uma casa de farinha no terreiro de sua própria casa, com o propósito de reunir a comunidade em torno das farinhadas — prática que, em muitos lugares, encontra-se quase desaparecida.

Mais do que um espaço de produção de alimento, as farinhadas organizadas por Luan e sua família tornaram-se um lugar de encontro, partilha e memória. Elas mobilizam vizinhos, familiares e amigos em mutirão, reativando saberes antigos, cantigas, histórias e os laços de cooperação que sustentam a vida comunitária. Ao fortalecer essa prática, Luan contribui para manter viva uma tradição que reúne valores de solidariedade, pertencimento e autonomia, afirmando também uma forma de resistência cultural que caminha na contramão dos modelos hegemônicos, marcados pelo individualismo e por relações e modos de vida cada vez mais desconectados do território.

Nesse mesmo Agreste pernambucano, as torres eólicas redesenharam a paisagem e o cotidiano, atravessando o sossego das comunidades e impactando diretamente a vida das famílias. Foi nesse cenário que conhecemos Dona Zezé, agricultora, louceira³⁶ e mestra cantadora de coco da Serra das Vacas, povoado de Paranatama, vizinho ao Sítio Cruz. Zezé, mulher de voz forte e mãos firmes, integra

³⁶ Louceira é a mulher que trabalha fazendo louça de barro, como panelas, potes e outros utensílios domésticos. É um ofício tradicional da cultura popular, que envolve o saber de moldar, secar e queimar o barro para produzir peças usadas no dia a dia.

o grupo de Coco de Paratama, formado por agricultores e agricultoras da região. Hoje, porém, precisa disputar com o ruído constante dos aerogeradores e o direito de ouvir o próprio silêncio. Vivendo a poucos metros das torres, enfrenta dificuldades de audição, noites mal dormidas e a ansiedade que sopra junto com o vento. Enquanto isso, vê a vida da comunidade ao redor ser forçada a mudar de rumo.

Sendo assim, a agroecologia, entendida também como um processo de resgate, valorização e manutenção das memórias, saberes, práticas sociais, expressões artísticas e valores comunitários, exige uma compreensão crítica dos grandes empreendimentos capitalistas e da indústria cultural como partes de uma estrutura hegemônica que mercantiliza e apaga identidades coletivas. Nesse sentido, uma perspectiva educativa de base cultural agroecológica deve ir além da produção de alimentos e da arte em sentido restrito, assumindo um caráter político, emancipatório e contra-hegemônico, voltado à formação crítica da realidade, à defesa das identidades culturais dos povos e territórios e ao fortalecimento de formas de organização social que enfrentem a lógica mercantil dominante (Bonassa, Guilherme, Percassi, 2021).

E nesse caminho de entrelaçar arte e cultura popular, Bonassa, Guilherme e Percassi, complementam:

A arte na agroecologia é assim: o cotidiano vivo, em movimento estético de transformação recíproca entre seres humanos e natureza. A terra onde pousa a semente e nasce a flor e o fruto, nas mãos humanas se torna pigmento mineral para desenhos, pinturas, esculturas e bandeiras. Os movimentos e ritmos da natureza e do trabalho se dobram, revolvem e viram danças nos corpos individuais e coletivos, nos terreiros ou nas marchas. A palavra e o nome de cada coisa que um dia não tinha nome se combina em versos, vira história, caso, cria mundo imaginado e organização popular. Os sons dos bichos, das águas, dos ventos, dos trabalhos, das gentes, se propagam pelo ar em músicas e canções fazendo das peles, madeiras ou crinas instrumentos de encantaria e rebeldia. (Bonassa, Guilherme e Percassi, 2021, p. 293)

Durante minha chegada a Recife, algumas andanças pelas periferias da cidade me colocaram em contato com uma cultura forte, viva e pulsante. Foi nesse contexto que conheci Heleno, Zé Milton, Buiú e Zé Antônio — mestres e brincantes do maracatu rural, oriundos de municípios como Lagoa de Itaenga, Nazaré da Mata e Feira Nova, na Zona da Mata pernambucana. Antes de migrarem, foram

agricultores e cortadores de cana; depois, em busca de sustento, estabeleceram-se na capital, nos bairros da Iputinga e da Vila Santa Luzia, onde vivem até hoje.

Mesmo distantes de seus territórios de origem e inseridos na dinâmica urbana, seguem preservando a essência de suas tradições por meio do maracatu. Assim, mantêm viva a memória de seus lugares de pertencimento, fazendo da cultura um elo de continuidade, identidade e resistência.

Os conheci em novembro de 2022, durante uma partida de várzea no campo do Bueirão, no bairro da Torre. A curiosidade me aproximou ao perceber que, ao lado do campo, acontecia uma sambada: eles tocavam o terno de maracatu em comemoração ao aniversário de Zé Milton, em seu quiosque. A partir desse encontro, construímos um vínculo que me levou a visitá-los com frequência e a acompanhar ensaios no Parque do Caiara. Assim, fui conhecendo não apenas a brincadeira, mas as histórias de vida que a sustentam — trajetórias marcadas pelo trabalho nos engenhos, pela migração forçada e pela resistência cultural que mantém viva, nas periferias do Recife, a memória e a identidade da Zona da Mata.

Esse convívio me mostrou que o maracatu rural, mesmo distante de seu território de origem, permanece como espaço de pertencimento, identidade e resistência cultural. Na capital, esses mestres mantêm vivas as tradições da Zona da Mata, transmitindo modos de vida que a modernização urbana não conseguiu apagar. Assim, a brincadeira seguia como expressão viva da memória coletiva, reinventando-se sem perder sua essência.

Durante a imersão do 2º período do curso, visitamos o Cavalo Marinho Boi Pintado e o Maracatu de Baque Solto Onça Dourada, no município de Condado/PE. Mais adiante, por meio do contato com Elmir Lima, conheci também o Maracatu de Baque Solto Leão Faceiro, em Araçoiaba/PE, cuja história se entrelaça profundamente com a de sua própria família. Um de seus fundadores foi seu avô, Seu Duda (em memória), e hoje Elmir segue conduzindo o grupo com dedicação, honrando o legado recebido e mantendo viva a força dessa tradição.

O maracatu rural carrega uma ligação profunda com a vida dos cortadores de cana e trabalhadores e trabalhadoras da Zona da Mata e periferias do Recife e Região Metropolitana. Nas toadas, nos passos, nas vestimentas e nos personagens, ecoam histórias de luta e afirmação cultural de um povo que transformou o

sofrimento do trabalho duro nos canaviais em expressão, identidade e memória coletiva. Conhecer e estar junto desses mestres e grupos foi compreender que o maracatu é mais do que uma brincadeira: é compromisso, espiritualidade, fé e resistência de um povo que, em meio às desigualdades e silenciamentos históricos, encontrou na cultura uma forma de existir com dignidade, de contar sua própria história e de se fazer visível.

Sendo assim, essas experiências reafirmam, como pontuam Toledo e Barrera-Bassols (2015), que embora a racionalidade capitalista procure se impor ao eliminar os espaços de manobra para o exercício da criatividade e da espontaneidade dos atores locais, sua implementação não se fez sem que diferentes formas de resistência e de recriação cultural fossem ativadas. Onde se pretendeu incutir uniformização crescente e irreversível, assistimos a novas expressões de diferenciação cultural e novas formas de organização do trabalho e da vida social. Entre outros pontos comuns, tais povos e comunidades enfrentam os novos desafios colocados pela modernização, ativando suas memórias coletivas para definir estratégias inovadoras em defesa de seus meios e modos de vida. Bem como traz Barroso:

O riso brincante é o riso popular, considerado um puro jogo dentro das regras da improvisação. É o riso dos bois, reisados, dramas, festas e folguedos populares, no qual o mundo é invertido e toda verdade é relativizada. Também é o riso do carnaval popular, quando a empáfia, o autoritarismo e todas as deformações da alma humana são postas em ridículo, aplainadas pela crítica mordaz da alegria do povo. (Barroso, 2017, p. 2)

12. O ALTO É DA CONQUISTA O CÓRREGO É DA FORTUNA

Antes de finalizar este memorial, sinto a necessidade de mencionar alguns lugares que, entre idas e vindas, tornaram-se minha morada ao longo desses quatro anos de curso. Embora mantivesse um trânsito frequente entre o Agreste e o Litoral, estive a maior parte desse período em Recife, onde trabalhos e projetos surgiam com maior facilidade. Essa experiência revelou um dilema constante — o desejo de permanecer no interior e, ao mesmo tempo, a abertura para vivenciar a capital —

que, com o tempo, deixou de ser conflito e se transformou em descoberta. Foi em meio à “selva de pedras” que aprendi a reconhecer outras dinâmicas sociais, possibilidades e um lugar também de pertencimento, que não imaginava encontrar.

Em 2022, minha irmã Micaelle já havia se mudado para Recife para cursar Artes Visuais na UFPE. Com meu ingresso no BACEP, no mesmo ano, passei a dividir com ela um quarto na comunidade conhecida como Brasilit, no bairro da Várzea, Zona Oeste da cidade, onde vivemos durante um ano, entre muitas idas e vindas para as Vivências Universitárias (VU's).

Foi nesse período que comecei a conhecer um Recife diferente da imagem caótica que antes marcava minha percepção. A Brasilit reunia muitos migrantes vindos do interior, que se estabeleceram na região para trabalhar na antiga unidade fabril da Saint-Gobain. Desse encontro de trajetórias surgia um modo de vida coletivo, expresso nas conversas nas calçadas, nas partilhas entre vizinhos e nos encontros nas mesas de bar — formas de convivência que recriavam, em plena cidade grande, o sentimento de proximidade e coletividade típico do interior.

Essa experiência ganhou novos contornos em setembro de 2023, quando minha irmã também ingressou no curso de Agroecologia e, pela proximidade com a universidade, nos mudamos para o Alto da Conquista, no Córrego da Fortuna, comunidade periférica situada no bairro de Dois Irmãos. Formada majoritariamente por famílias de origem interiorana, vinculadas à história da construção da UFRPE, a localidade mantinha, mesmo diante dos desafios urbanos, práticas pautadas na solidariedade, na colaboração entre vizinhos e no cuidado coletivo. Essa rede de apoio tornava a vida na cidade mais acolhedora e reforçava vínculos culturais que permaneciam vivos, mesmo longe do interior.

Durante o período em que moramos na comunidade, conheci muitas pessoas vindas do Agreste e do Sertão e ouvi relatos inspiradores sobre saberes agrícolas que ainda resistiam ali. Entre essas histórias, destaco a de Seu José Francilino (em memória), reconhecido como o primeiro morador do Córrego da Fortuna. De origem rural e ex-funcionário da Universidade Rural, ele cultivava roçados de milho, macaxeira e feijão-de-corda na área onde hoje se localiza o Alto da Conquista, local que abriga a casa que divido com minha irmã. Sua trajetória

simboliza como, mesmo longe do interior, práticas agrícolas e modos de vida camponeses seguem vivos, reinventando-se no espaço urbano.

Agradeço a todos os amigos que fiz nesse período — nas mesas de bar, nas peladas de fim de semana, nas idas aos jogos do Santa Cruz e nas conversas nas calçadas. Foram companheiros que, com solidariedade e cuidado, me acolheram e me ensinaram a construir um sentimento de pertencimento mesmo longe da terra natal. Com eles, fortaleci a percepção de que a interioridade e a essência dos vínculos comunitários não se perdem na cidade, ao contrário, recriam-se e se adaptam, mantendo vivas formas de convivência baseadas na proximidade, na partilha e no cuidado coletivo.

13. A COLHEITA É BOA

Se toda essa caminhada pudesse caber em uma imagem, ela seria uma Festa da Colheita, uma brincadeira de roda com Dona Bibiu puxando uma cantiga entre olhos d'água, xique-xiques e facheiros. Depois de todo esse percurso, percebo que continuo da vida um estudante, talvez um agroecólogo ou educador diplomado, mas com muito ainda o que aprender e caminhos a trilhar, mas agora em outro lugar, como alguém chamado a contribuir e a assumir novas responsabilidades. Enraizado nos territórios que cruzei, nas pessoas e nas memórias que me formaram.

Minha caminhada me ensinou que a agroecologia não é caminho enfeitado, mas vereda de cuidado, desafios e esperança. É plantar mesmo quando a seca aperta, é insistir na coletividade quando o mundo empurra para o individualismo. Aprendi que escutar é tão importante quanto ensinar, que cada semente guardada é uma história que se mantém viva, e que cada manifestação cultural carrega um jeito próprio de existir no mundo.

Levo no matulão a certeza de que todo trabalho precisa ser feito com sensibilidade, diálogo e respeito aos saberes, que ser guardião de sementes e das tradições populares e das memórias coletivas é manter vivo o fundamento sagrado da raiz comunitária. As experiências com agricultoras e agricultores, guardiões e guardiãs, mestras e mestres da cultura popular, me ensinaram que a resistência também se faz cantando, plantando, celebrando e partilhando.

Para o futuro, desejo seguir semeando sementes boas, fortalecendo redes, apoiando processos de organização comunitária e contribuindo para a agroecologia. Ao mesmo tempo, levo comigo a disposição de caminhar por muitos lugares, dialogar com diferentes realidades, sempre conectado às minha raízes que seguem entrelaçadas ao compromisso de guardar e espalhar memórias comunitárias que germinem possibilidades de constituir novos modos de viver, se relacionar e de construir um mundo mais justo e solidário.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; FIGUEIREDO, Maria do Socorro; NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (org.). O bom pensamento: contadores, narradores e intérpretes. 1. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

ASSIS, Roberto Ramon Queiroz de. Um exercício entre história e imagem: a seca e as frentes de emergência em Monte Horebe-PB na década de 1970. *Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, Fortaleza, v. 6, n. 12, p. 57-72, maio/ago. 2018.

BALENSIFER, Pedro Henrique de Medeiros. Mercados para variedades de feijão da agricultura familiar: conservação da agrobiodiversidade ou caminhos para a especialização produtiva? 2019. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

BALENSIFER, Pedro Henrique de Medeiros; SILVA, A. G.; SOUZA, N. L. O. Levantamento de variedades crioulas cultivadas por agricultores familiares do Agreste Meridional de Pernambuco. In: SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO IFPE, 1., 2018, Belo Jardim. Anais [...]. Belo Jardim: IFPE, 2018.

BARROS, Rafaela Cavalcante de; BALENSIFER, Pedro Henrique de Medeiros; SOUZA, Nayra Luiza de Oliveira. Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco – Rede SEMEAM: história, trajetória e atuação. *Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 73-89, 2022. DOI: <https://doi.org/10.52719/bjas.v4i2.5387>. Disponível em: <https://doi.org/10.52719/bjas.v4i2.5387>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BARROSO, Oswald. O riso brincante do Nordeste. *Rebento*, São Paulo, n. 7, p. 233-265, 2017.

BONASSA, Juliana; GUILHERME, Sylviane; PERCASSI, Jade. Cultura e agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; STAUFFER, Anakeila de Barros; VARGAS, Maria Cristina (org.). Dicionário de agroecologia. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 287-293. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf. Acesso em: 28 dez. 2025.

BRAGA, Vivian. Cultura alimentar: contribuições da antropologia da alimentação. *Saúde em Revista*, v. 6, p. 37-44, 2004. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/saude13art05.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2026.

DUBEUX, Ana; PEIXOTO, Marcela. Agroecologia e economia solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar nutricional. *Redes: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/redes/article/view/9340>. Acesso em: 11 jan. 2026.

HIRSZMAN, Leon. *Cantos de trabalho*. Direção: Leon Hirszman. Brasil: MEC, 1975-1976. Série de documentários.

INSTITUTO VEREDAS DA CIDADANIA. Mapeamento dos bancos e casas de sementes crioulas no estado do Ceará. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2025. 173 p.

LIMA, Elmir Bezerra de; ANDRADE, Horasa M. L. da S.; ANDRADE, Luciano P. de (org.). Desafios e estratégias utilizadas por agricultores na conservação *on farm* de variedades crioulas de feijão-comum (*Phaseolus vulgaris* L.) em três cidades do Agreste Meridional de Pernambuco: uma análise sobre sementes, sujeitos e redes. Garanhuns: UFAPE, 2024.

MACÊDO, Jacqueline da Silva; SOBRAL, Maria do Carmo Martins; COSTA, Andréa Fernanda de Santana; SILVA, Gilson Lima da; LIMA, Clécio José de Lacerda. Monitoramento tecnológico: impactos ambientais durante o beneficiamento do jeans. *Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 21, n. 8, p. 1-31, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n8-182>.

MELO, L. D. F. A.; MELO JUNIOR, J. L. A.; CRISÓSTOMO, N. M. S.; BERTO, T. S.; RAMOS, M. G. C.; SILVA, L. G. Uso de agentes aderentes na peletização de sementes de milho crioulo com pó de rocha. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 15, p. 245-249, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18378/rvads.v15i3.7942>. Acesso em: 7 jan. 2026.

MELIANI, Paulo Fernando; GOMES, Edvânia Tôres Aguiar. Precarização do trabalho nos processos de produção têxtil e a formação de espaços liminares em Toritama, Pernambuco. *Revista de Geografia*, Recife, v. 24, n. 1, p. 160-170, jan./abr. 2007.

OLIVEIRA, Nádia Rosana Fernandes de; ALMEIDA, Lana Carneiro; ZANINI, Roberta de Vargas; DALBIANCO, Vinicius Piccin (org.). Práticas de promoção da alimentação adequada e saudável na assistência técnica e extensão rural. Itaquí: Universidade Federal do Pampa, 2025. p. 109-111.

SANTANDER, Felipe. O extensionista. São Paulo: Hucitec, 1987.

SILVA, Paulo Vitor. Cultivando o futuro: análise das casas de sementes comunitárias em Santana do Acaraú-CE e seu papel na preservação da agrobiodiversidade. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agroecologia) – Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, 2025.

SONORA BRASIL – Sonoros Ofícios: Cantos de Trabalho. Projeto cultural do Serviço Social do Comércio (SESC). p.15, 2016.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 42-61, out. 2003.